

Afresco de Outono

Evgeny Solomonovich
Itskovich



Centro
Cultural Vale
Maranhão

**Afresco
de Outono**
Evgeny
Solomonovich
Itskovich

12 dez 2020–
30 mar 2021

**Centro
Cultural Vale
Maranhão**



Apresentação

É com enorme prazer, que trazemos a público, de forma inédita, o poema ilustrado Afresco de Outono, criado pelo artista russo-maranhense Evgeny Solomonovich Itskovich (Евгений Соломонович Ицкович).

As 82 telas pintadas pelo artista foram expostas, em montagem, no Centro Cultural Vale Maranhão. Além da exposição, foi realizada uma vídeo performance, completando assim o ciclo de criações sobre as obras do artista.

ECl e sua família chegaram ao Maranhão em 2006. Hoje, mantém o Museu Russo, localizado no centro histórico de São Luís. Quem caminha pelas ruas da cidade, provavelmente se surpreende com a originalidade e estranheza das vitrines do local, que como um enclave, propõe ao passante um universo especial, em que Rússia e Maranhão se encontram.

Após quase duas décadas de residência no estado, as obras e a atuação artística da família Itskovich já podem ser consideradas patrimônio maranhense. E afinal, não é dessa mistura que é feita a cultura? Acreditamos que sim!

Boa leitura! Boa viagem!

Luiz Eduardo Osorio
Presidente do Conselho de Administração
do Instituto Cultural Vale



6	Biografia
10	Memória e Invenção Gabriel Gutierrez
12	A Exposição
20	A Cena Áurea Maranhão
26	Obras
86	Projetos
92	English Texts
107	Ficha Técnica

Arte é aquilo para o que se precisa simplesmente abrir os olhos.

O homem, no mundo, substitui a fatalidade em ações tão terríveis como a própria fatalidade. No entanto, ele é capaz de superar a fatalidade e a morte com o ato criativo do amor.

ECI

Evgeny Solomonovich Itskovich (Евгений Соломонович Ицкович)

ECI nasceu em 1959 no território da antiga União Soviética, na cidade de Kiev (atual capital da Ucrânia), onde vivia a família de sua mãe. Logo foi levado para Moscou, onde permaneceu até a sua vinda ao Brasil.

Escreveu suas primeiras poesias aos 12 anos. A criatividade de Evgeny preocupava sua mãe, que o levou ao psicólogo para uma consulta. O diagnóstico foi preciso: poeta.

Em paralelo, formou-se médico-socorrista. O amplo estudo da anatomia e fisiologia do corpo humano e o treino de um olhar clínico-diagnóstico tiveram grande impacto em sua arte. Durante este período, participou da expedição arqueológica ao Quersoneso, onde conheceu Liubov Itskovich, com quem se casou após um reencontro ocorrido quatro anos depois.

A partir da década de 1980, o jovem poeta buscou delinear seu espaço artístico através de récitas. Em meio de amigos, em festas e em sua casa, junto à sua esposa, expandiu seu público e foi convidado para declamar suas poesias para audiências cada vez maiores, como teatros, clubes de poesia, na rádio e outros espaços da capital russa.

Em 1995, já na Rússia atual, lançou seu primeiro livro de poesias "Placas do Coração". Editado por Liubov e ilustrado com gráfica e quadros do seu irmão mais novo Dmitrii Itskovich, o livro foi premiado no concurso nacional Arte do Livro, em 1996, em Moscou.

Para o segundo livro Afresco de Outono, poema escrito em 1983, ECI assumiu o papel de pintar e ilustrar ele mesmo sua obra. Em 2002, ganharam vida suas primeiras telas. Já em 2005, com o livro praticamente finalizado acontece

sua primeira exposição na galeria "Asti" em Moscou. Com muitas críticas positivas, parte das obras foram selecionadas para edição do disco-catálogo "Artistas plásticos de Moscou 2005". Neste momento, seus filhos Evgeny e Maria já participavam dos recitais poéticos, com interpretações musicais e performances.

Em 2006, o artista realizou sua primeira exposição no Brasil. Intitulada "Próximo – Daquele Lado", a mostra foi montada na Galeria Antônio Almeida, no Palacete Gentil Braga, em São Luís. Encantado com a calorosa recepção e com a cidade, ECI resolve mudar com sua família para São Luís, onde fundaram o Espaço Cultural Russo "ECI MuseuM", com exposição permanentemente de suas obras.

Dentre os espaços que expuseram seu trabalho plástico estão: Galeria Antônio Almeida, Galeria Fernando P., Museu Histórico e Artístico do Maranhão, entre outros; e em Moscou: Galeria do Kiselev e Galeria Put Edinstiva, instituição muito conceituada na Rússia por sua filha, Maria Itskovich.

Maria Itskovich

Atriz, cantora, compositora, palhaça, poetisa, dançarina popular, produtora e professora de música, é filha de ECI. Aos 16 anos, mudou-se da capital russa, Moscou, para a cidade de São Luís – Ma, Brasil. Formou-se em canto lírico pela EMEM e licenciou-se em Música pela UEMA. É especialista em metodologia e lecionou piano e musicalização na UFMA. Em sua trajetória artística, fez parte da trupe circense Du-nada, grupos de dança popular Tambor do Mestre Amaral e Cacuriá de Dona Teté, Cia. Direto da Fonte, banda de rock Ornitorrincos do Sertão Turu. Apresentou-se em recitais de canto lírico e interpretou Luna nos filmes da franquia “Muleque té Doido”, recorde do cinema maranhense. Também compôs trilhas para espetáculo Mulheres de Shakespeare, o curta Eu sou Patrimônio e performance Afresco de Outono.

Evgeny Itskovich

Nascido da Rússia, desde seus 14 anos se dedica a composição musical. Realizou vários concertos solo com músicas de própria autoria, na cidade de Moscou, Rússia. A partir do ano 2000, começa a atuar como diretor, compositor e dramaturgo em diversos projetos de cinema e audiovisual. Tem seu mestrado pelo NGUNN de Moscou, Rússia (2005) em direção de cinema e TV. Atuou dirigindo filmes, compondo trilhas e produzindo roteiros para o cinema. Mudou-se para o Brasil em 2006, onde se formou em Música, pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. É o compositor das trilhas sonoras da peça “Para Uma Avenca Partindo” e “Amor Obsessivo” do Teatro do Redentor e do filme “Alma e Corpo”, de própria autoria. Foi professor substituto do Departamento de Música da UFMA. Ministrou oficinas no Festival Maranhão na Tela, na Semana de Teatro do Maranhão e na Semana dos Museus, além de palestras e cursos na área de cinema e música em diversos espaços da cidade de São Luís-MA. Dirigiu documentários e ficções. Fundou e, desde 2008, dirige do Espaço Cultural Russo “ECI-Museum”, onde também atua como professor de música e cinema.

Atualmente, faz especialização em Ensino de Arte e Música pelo Instituto Brasileiro de Formação, e é compositor da trilha musical, pianista e performer do espetáculo “Afresco de Outono”.

Liubov Itskovich

Russa, nasceu em 3 de setembro de 1958, na cidade de Habarovsk (União Soviética), extremo oriente da Rússia, e aos 9 se mudou para Moscou. É Mestre em Arquitetura de Paisagem, pelo Instituto Tecnológico Florestal de Moscou, especialista em Guia Turística, membro da Fundação Internacional das Artes.

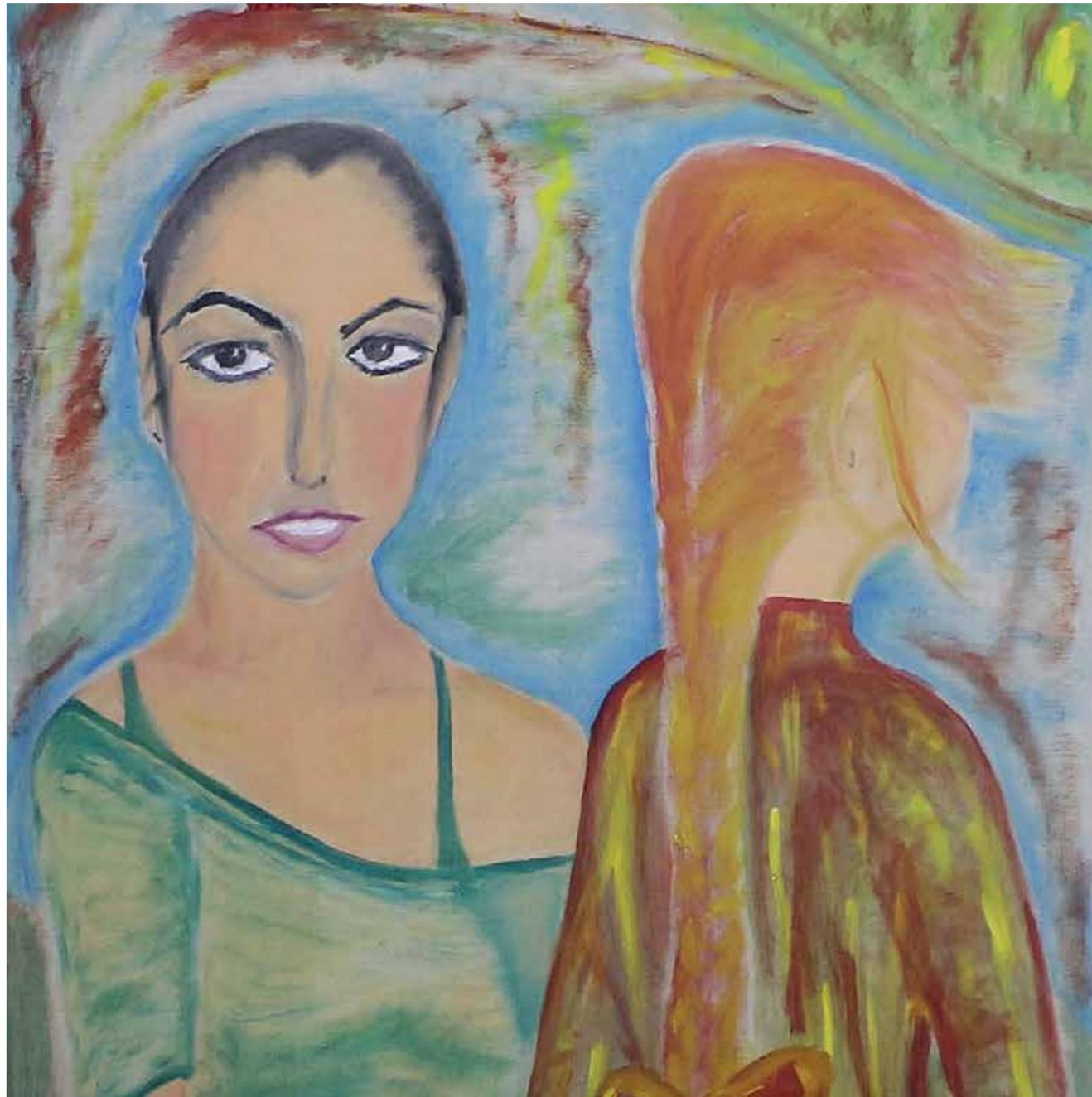
Além de trabalhar no campo de paisagismo, se dedicou a atividades educativas e culturais. Foi diretora do Colégio Particular Filipova, onde desenvolveu concepção educativa, organizando viagens, encontros e eventos culturais.

Idealizou a arte do livro de poesias “Placas do Coração”, de Evgeny Itskovich com ilustrações de Dmitrii Itskovich, com qual foi premiada no Concurso Nacional de Arte de Livro, no ano de 1995. O conceito do livro buscou aproximar o leitor da poesia, por meio de uma fusão com artes plásticas. Essa concepção impulsionou a criação do próximo livro: Afresco de Outono.

Após a chegada no Brasil, junto à família, cria o espaço “ECI Museum”, onde coordena e gerencia projetos culturais, educativos e de meio ambiente, além de ministrar aulas da língua russa.

Áurea Maranhão

Áurea Maranhão é atriz, diretora e performer formada na Escola de Arte Dramática EAD/ECA/USP. É atriz pesquisadora do grupo AP43, dirigido por Nara Sarakê, co-fundadora e produtora da Ordinária Companhia, grupo teatral com sede em São Paulo (SP), e sócia da produtora Marafona Blue. Estreou na Rede Globo no papel de Ticiane, na novela A Dona do Pedaço e tem estreia prevista na Netflix, atuando na série Cidade Invisível. Dirigiu o curta metragem Carnavalia, ganhador dos prêmios de melhor filme júri popular e melhor atriz para Áurea Maranhão nos festivais Maranhão na Tela e Guarnicê, e melhor filme Maranhense no troféu ABD 2017.



Memória e Invenção

Mãe, pai, irmão, tios, professores de piano, tomadores de chá, plantas e corpos nus, santos e diabos, vivos e mortos formam o grande retábulo que ilustra o poema Afresco de Outono, de Evgeny Solomonovich Itskovich (ECI). As figuras não são daqui! Vieram de fora! São russos! O ambiente, objetos, sujeitos e o delírio atestam o fato. No entanto, de fora, percebemos que a abordagem é íntima. Tudo está dentro, ou vem de dentro, e enquanto espelho, pela diferença e estranhamento, para aqueles que o miram, é um convite de sobrevoo para perceber o que nos une enquanto seres idiossincráticos, diversos e originais. Tudo é estranho e familiar. Aliás, a família guarda em si uma área de sombra, indefinição e prisão, em que o limite intangível do outro é sempre testado e rompido. Famulus – escravo em latim – escravo doméstico, escravo do outro, o outro, sempre espelho.

Os rostos, que vemos, são máscaras festivas, teatrais, funerárias. Pela extemporaneidade, aludem às diversas máscaras que marcaram a história da arte ocidental: os retratos de Fayoum, personagens de Renoir, Ensor, Chagall. Aliás, a exemplo deste último, russo expatriado, a tradução plástica da memória natal revela o movimento de perpetuação do indivíduo deslocado em seu espaço-tempo. As máscaras são um furo: um portal. Inquisidoras, atônitas, debochadas e absurdas, apresentam-se como um espelho de mão-dupla, revelando quem está atrás e na frente delas.

As máscaras, apresentadas em Afresco de Outono, perpetuam os mortos, mesmo aqueles que, ainda vivos, esfumaram-se na construção das memórias. Toda a parafernália está presente no universo onírico, místico e absurdo, construído para a conquista do além, da eternidade e da lembrança. Todo o peso dos objetos e funções que definem os papéis sociais e familiares, gritam: Presente! – e assim, um pedaço da Rússia se naturaliza brasileiro. Ao final de tudo, para a morte, ninguém é russo e somos todos escravos.

As pinturas de ECI chegaram ao Maranhão, juntamente com a família, em 2006. Hoje, integram o acervo do atípico Museu Russo, localizado no centro histórico de São Luís. Embora soe improvável, o universo proposto já é propriedade da cidade, e nesta exposição se aproxima do espectador para cumprimentá-lo. Parece assombrado? De fato. O outro é sempre assombrado, e só é possível trazê-lo à luz quando deixamos que ele nos habite, ao mesmo tempo que o habitamos. Esse é o convite que a catedral explodida dos quadros aqui reunidos nos faz. Diga olá! (Здравствуй!)

Gabriel Gutierrez

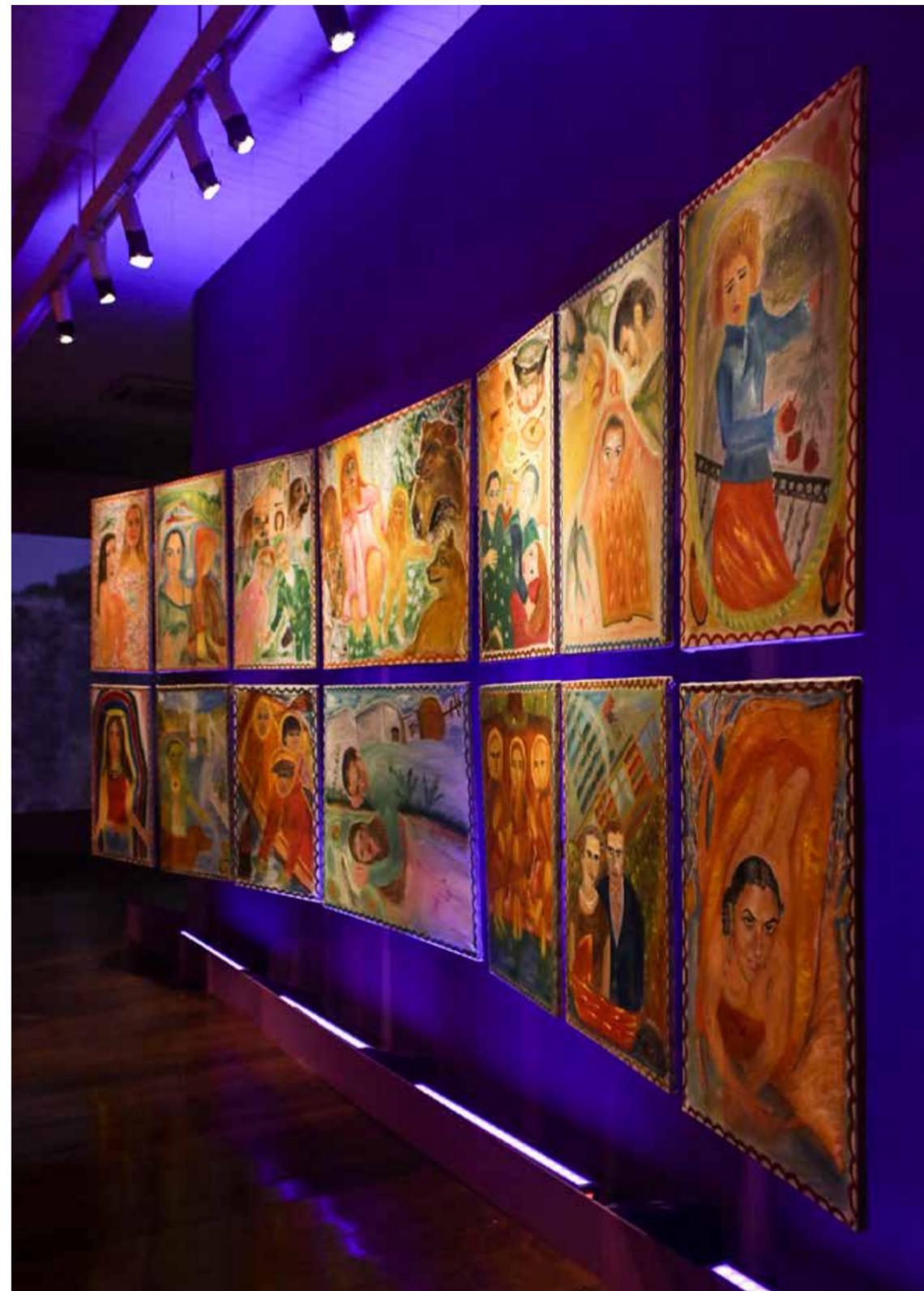
Diretor e coordenador artístico do CCVM

A Exposição

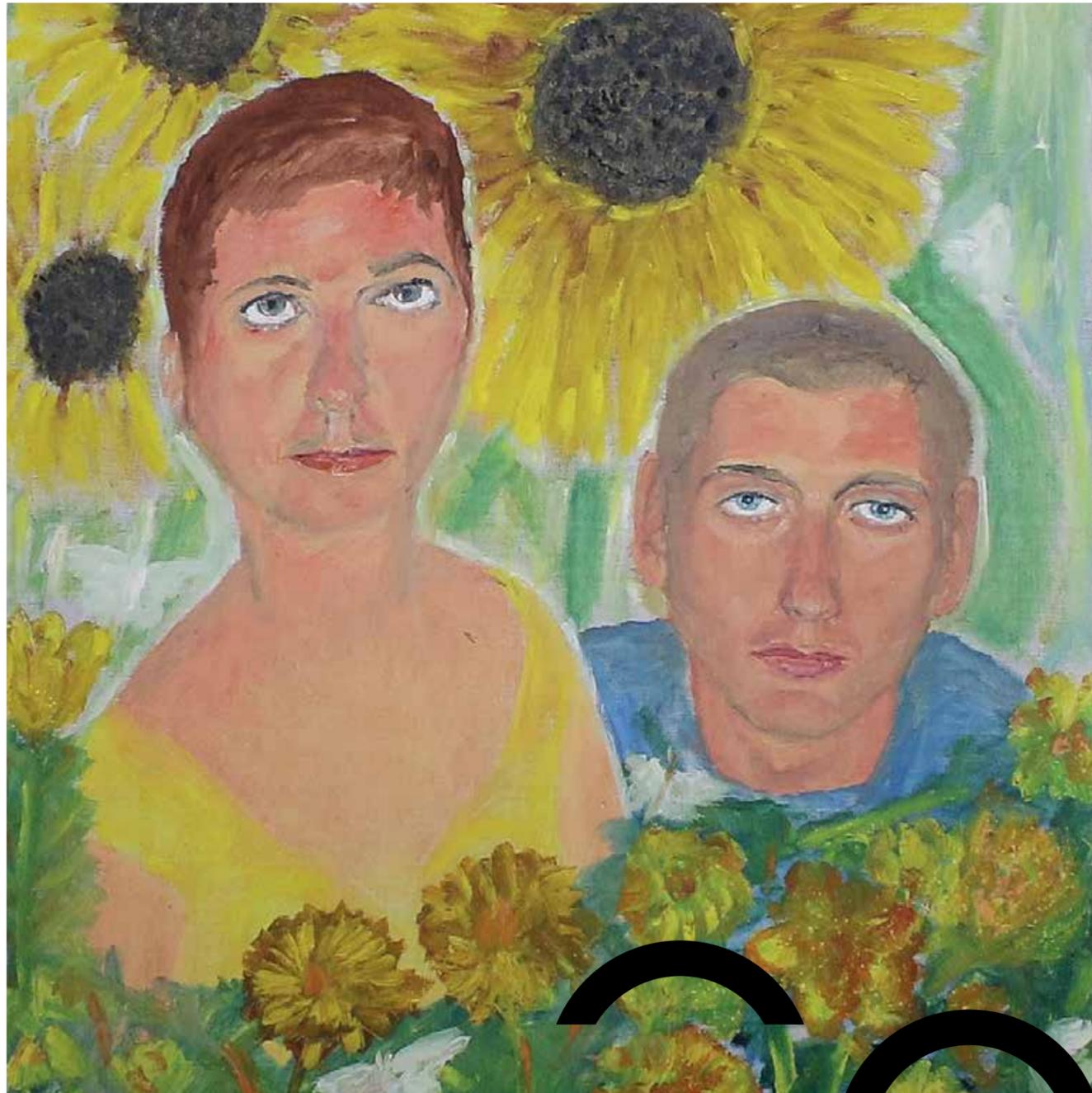








A Cena





Frames da
Videoperformance
Afresco de Outono
Fotografia: Jesús Pérez

A Cena

A conversa entre a cena, a performance, a música e a obra pictórica e textual Afresco de Outono, revela a cumplicidade criativa dos membros da família Itskovich, com quem pude trabalhar enquanto diretora. Para a montagem do espetáculo, propus a interação direta entre os performers, filhos do artista, o público e as telas que constroem o cenário/instalação. As pinturas são personagens vivos e, com os atores retratados em muitas delas, funcionam como um espelho. A disposição tridimensional convida o público para adentrar o espaço. O texto conduz o jogo cênico e alinhava a relação entre os corpos presentes, a música e as obras.

O pensamento e a língua russa estão presentes por todo processo criativo de montagem. As falas e o canto serão dirigidos ao espectador ora em português, ora em russo, proporcionando uma imersão na sonoridade dessa fala magnífica, que tanto diz sobre aquilo que não pode ser traduzido.

Áurea Maranhão



Frames da
Videoperformance
Afresco de Outono
Fotografia: Jesús Pérez





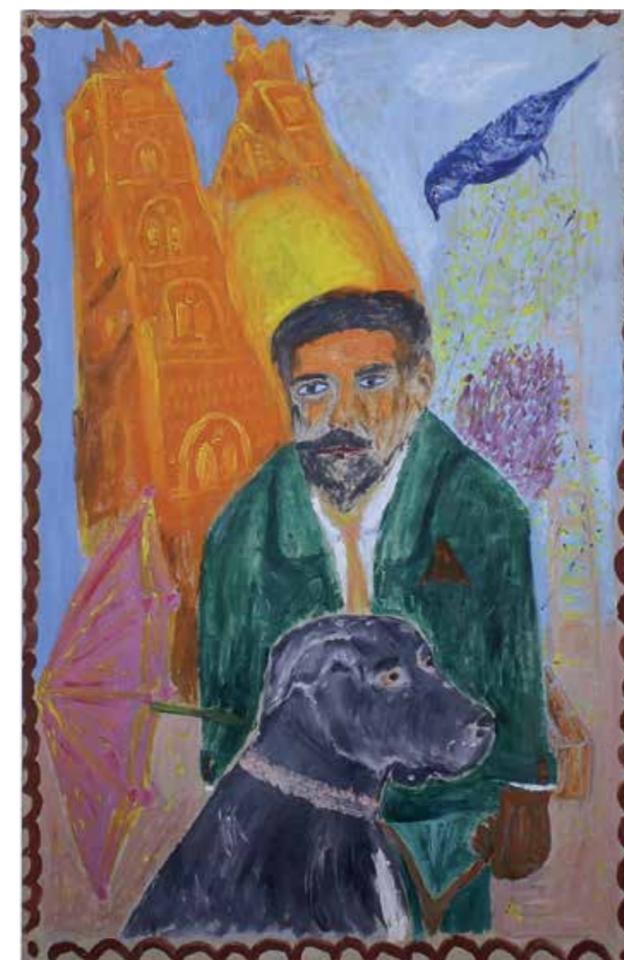
Obras



I.

Eu não sei – eis a razão
 De que o dia é mais escuro que a noite,
 Eu não sei – eis o sentido,
 E linhas da vida não atendem
 A minha memória volumosa.

Eu não sei viver sem a fé,
 Eu não consigo sem amor.
 Para alma – natureza da dúvida é oposta,
 Eu amo amor





Eu – sou a negação do bem comum
 Se for para viver com o bom senso,
 Se for para não habituar-se a vida,
 Mas ser o oblívio da chuva!

Será que olhas para encosta tesa
 Ou se mergulhas de cabeça
 Nos redemoinhos densos da reflexão:
 Não tem estrada – só há chuva.





A chuva se extinguiu... os cordéis
estavam pendurados,
Giravam-se as rodas de moinho, e a umidade
Como gaze de verão caía
Em arbustos encharcados por trás da casa,
No frio da calha, já o jardim
Ficava em meias-palavras
Entre a água e o crepúsculo. Os frutos
Se estendiam pelas macieiras,
Avermelhavam-se nas cerejeiras
E se arrastavam lentamente pelas pereiras.

E lá atrás dos arbustos, onde pendurada
Estava a gaze úmida e rija do vento,
Atrás das rédeas do céu começava o barulho
A água derramava pelo salto desdenhoso
Pelo icor de argila e pelo sangue
De raízes tesas, estendidas para o rio.

A correnteza arrastava o cascalho ensopado,
Ensaboando com espuma as encostas,
E as raízes curvavam suas juntas finas,
Se deslizavam e se aferravam ao
despenhadeiro,
E nas raízes se embalava a espuma,
Como farrapos da barba do outro ano.





Assim verão se despedia da crença passada,
Assim começava a vida penumbrosa.
E não se percebia – de onde demora,
E para onde corre rio inchado,
Mas beira que era próxima se parecia com a
beira distante.

E os reflexos moinheiros da penumbra
Giravam o turbilhão, e o outono
Saía súbito como as cobras negras
Para as roturas trincadas do horizonte.





Na encosta, no desarranjo pesqueiro das redes
 Arrastava a vida uma barraca,
 Como um cachorro velho e sua casinha
 Ela unia simultaneamente
 O abrigo, a corda e a vista triste.
 E por isso a água lhe acariciava,
 E se aproximando das janelas baixas
 Olhava para os cogumelos secos,
 Para atados de lenha, para brinquedos infantis,
 Para a corcunda-bicicleta quebrada.

Como bom, talvez, foi no verão,
 Aqui entrar, e vasculhar as coisas velhas,
 Sem remover a teia das mãos,
 E sentir como ao coração se aproxima
 Ternura espinhosa da lágrima outonal.

Para onde, há quanto tempo, com este objeto
 Brincava a sombra da aparência passada;
 Quanto há nele de tristeza quebrada
 Se pudesse viver!... Mas os netos, os netos não
 querem.

E o fio desenrolado da vara de pescar
 E os grãos pedregosos de chumbo
 Lançam no pântano da vida passada
 A boia brilhante de hoje.

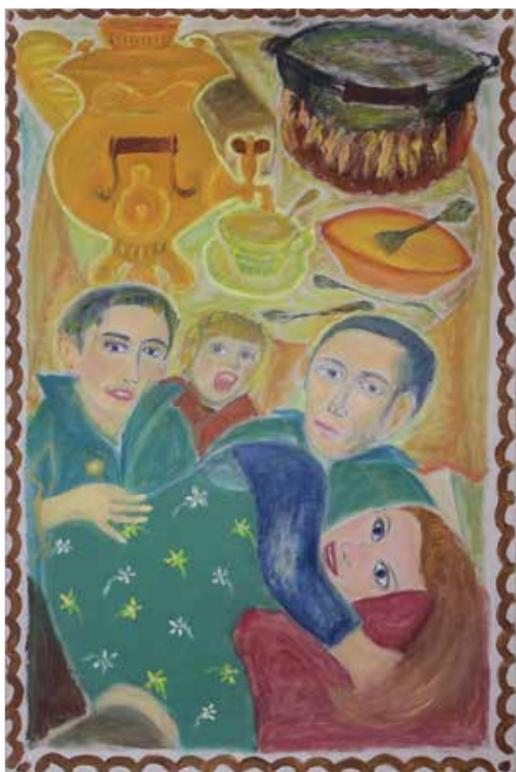




Assim a umidade penetrava no cordão umbilical
Do outono recém-nascido. Ainda...
Ainda era agosto, mas a chuva outonal
Já pairava por cima do horizonte como uma
cunha cinza
Com o rosto envolto, e o dia cinzento
Já empunhava o tinteiro e a caneta
Para pegar a tinta e digitar
As caligrafias noturnas na paisagem sombria.

A casa se aproxima. Mal afastar os ramos,
A água escorre pelos cabelos molhados,
As mãos tocam no vidro,
Como os peixes tocam nas transparentes
Grandes portas do aquário da terra
Para encontrar atrás de uma cortina branca
O mundo silencioso e sombrio.

Assim, ao penetrar a alma, o olhar sonolento
Talvez enxergasse todos, como se vê um sonho –
Debaixo do teto... ali no chão todos andando
Ou sentados, mas, contudo, vivendo
Suas vidas inferiores do além.
Eles vivem e aquecem o bule,
Põem os pratos, os garfos, as colheres,
Trazem batatas no caldeirão escuro.
E você está com saudade do voo,
Da sua leveza da realidade sonolenta
Para cair na teia da casa
E lá tremer com o suspiro ensonado:
“Estou com vocês! Me espere! Ainda estou aqui!”

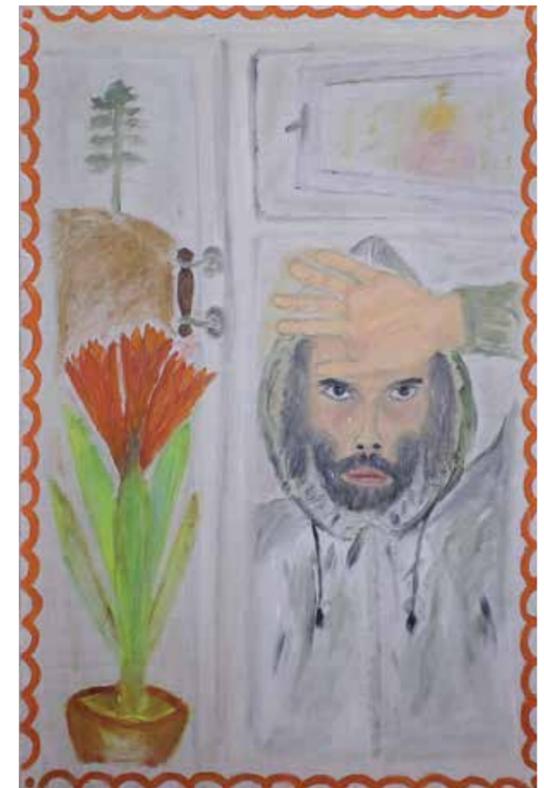




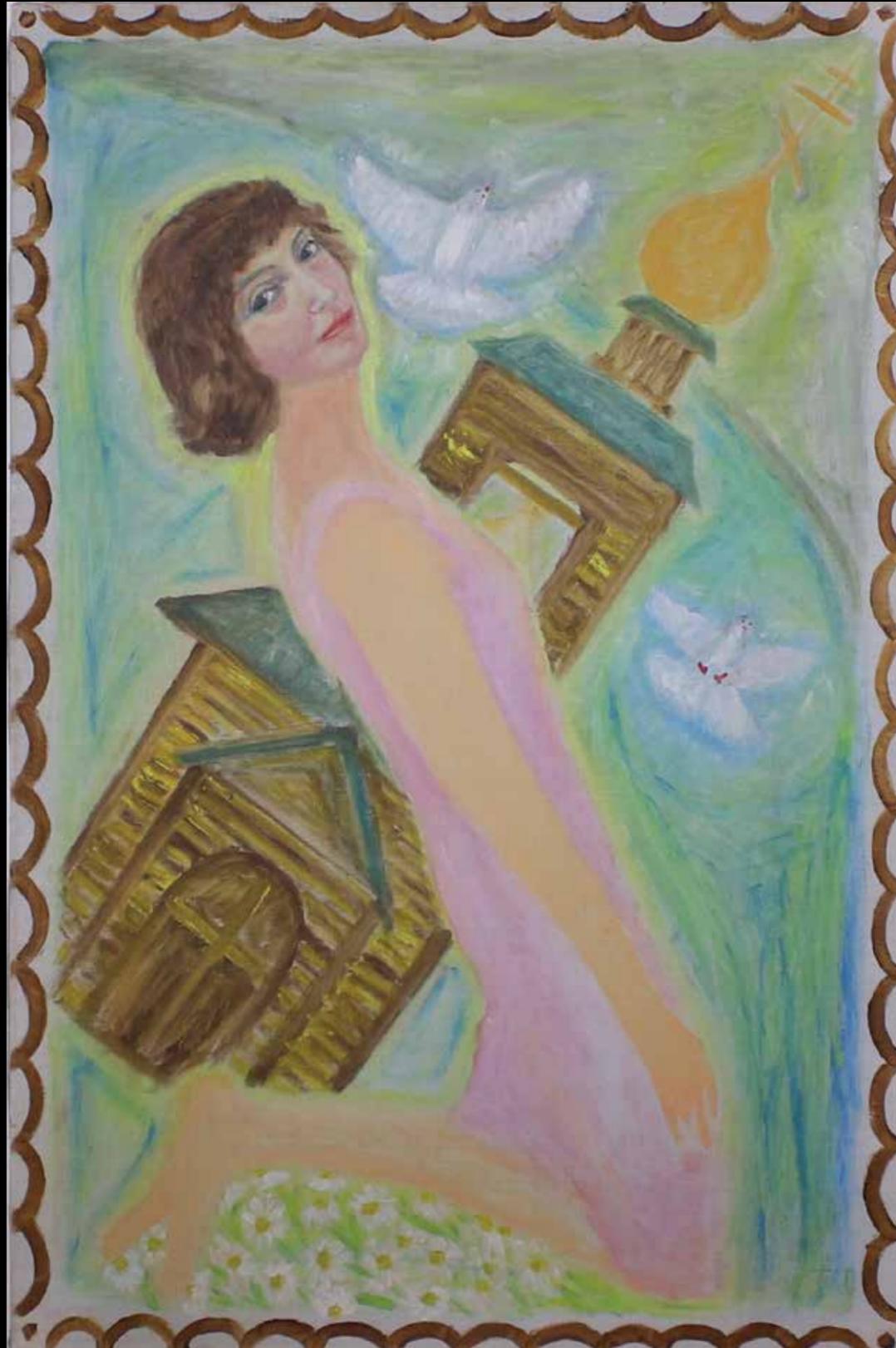
Balançavam os pinheiros, a floresta ao redor,
 Talvez, sobrevivesse à casa velha,
 Como o oceano sobrevive à terra firme,
 E como a terra sobrevive à vida.

Tocava rasgadamente o piano,
 E os sons, domados pelos dedos,
 Viviam longamente na consciência submersa
 E descobriam a nova era
 Para os olhos abertos que nada enxergam.

Lá da janela, atirados ao vidro,
 Os que arruinaram-se ao temporal,
 Aqueles que acabaram em encrenca
 tempestuosa,
 Eles lacrimejavam e acompanhavam chuva,
 E continuavam a música do penhasco,
 Diferindo-o na margem plana,
 Quando ele atingia as águas profundas.



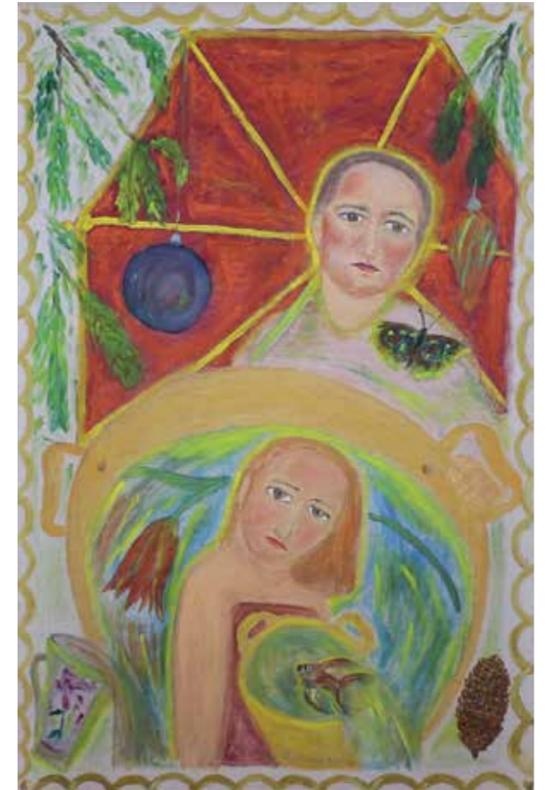




Ouvia-se descida da água para o rio,
E abrindo-se ao longe,
Estava vista do dilúvio repetido,
Que não trazia em si a arca, mas talvez,
Aquela próxima igreja de madeira,
Que com sua abóbada-cebola preta,
Mais elevava a alma
Do que erguia os olhos para cima.

Pelas ondas passavam os barcos,
Arrastavam os remos largados,
Arrastavam-se mesmo... com cada metro
Suas correntes, arrancadas pelo vento,
Oscilavam lentamente atrás.

Assim o agosto inundava a esperança –
Sobre verão, sobre aparição de Deus.
Assim o agosto derramava a esperança,
De que predestinado a nós neste verão
aparição de Deus,
O que cedo demais nós esperávamos na
primavera,
E então agora até o Natal
Nós meramente ficaremos no mundo.





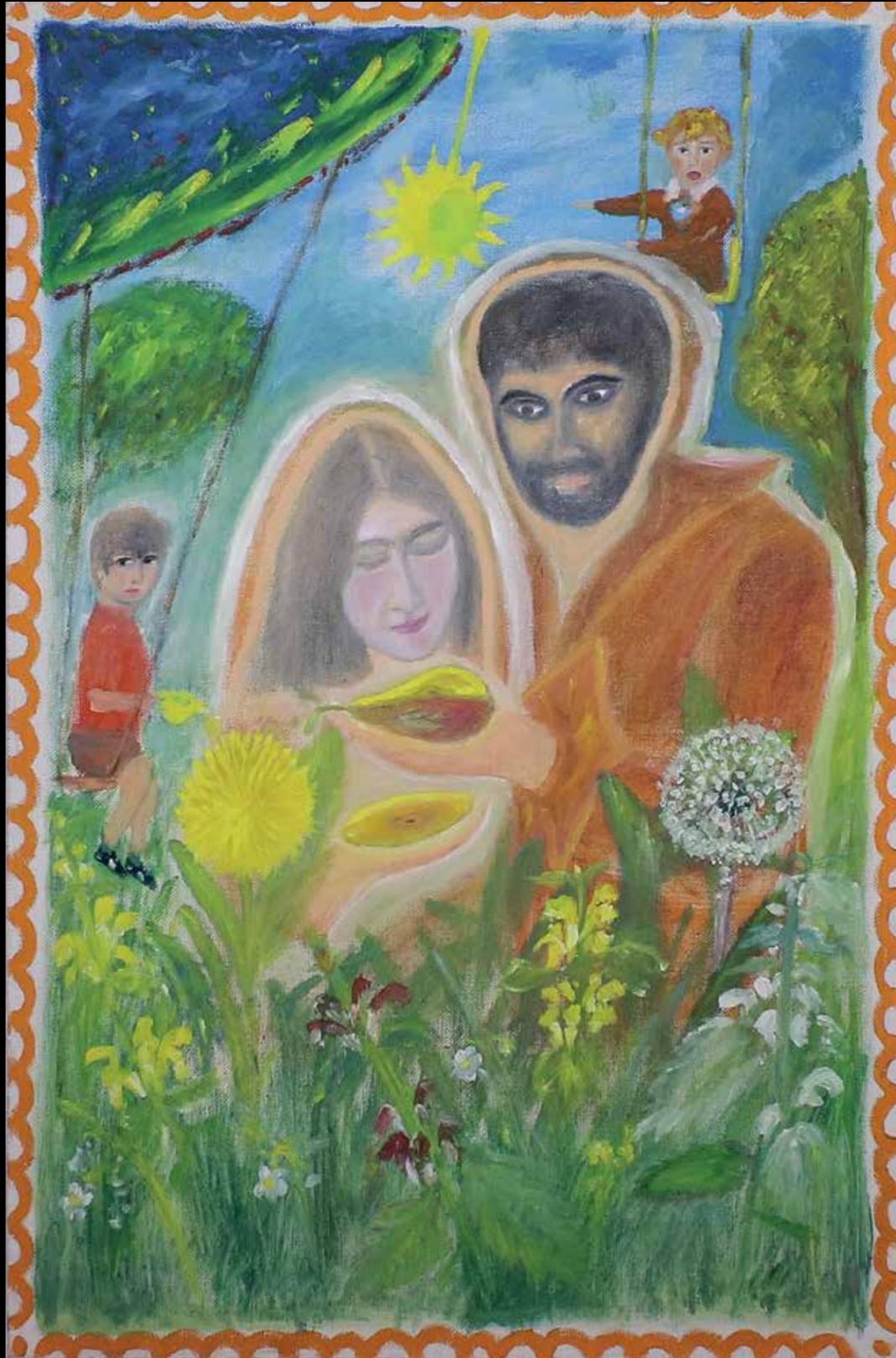
II

Oh essa primavera – solipsismo eterno,
Eterna autoconsternação.
A escolástica do vivo – viver e existir.

Pela eterna atração da vida à existência
Floreiam os solários e floresciaam,
Todos queriam com tecidos do desejo
Se parecer com as grandes bardanas –
Como é bom, como macio, quanto calor!

A Natureza se aproximava da amarelidez,
Como ao apogeu da liberdade ensolarada,
E é por isso o desejo de ser fofo
Não confirmava rigoroso tom
Das estáveis interjeições primaveris.





Não é o rigor dos sentimentos, mas o rigor da conduta,
Que determina o traçado e o zênite.

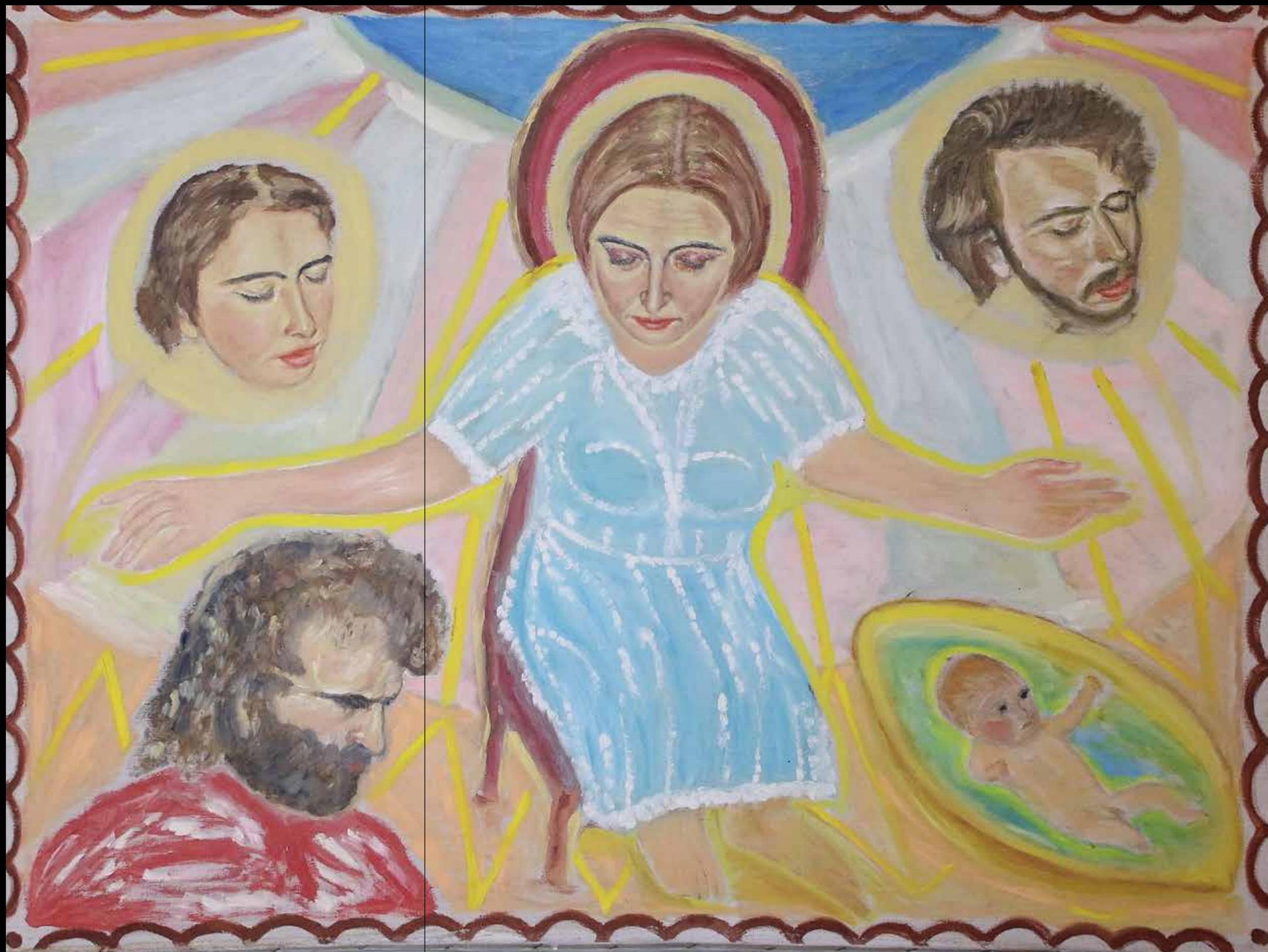
Então, solários, os afogados do sol,
Que querem do outono? Lá vem a primavera!

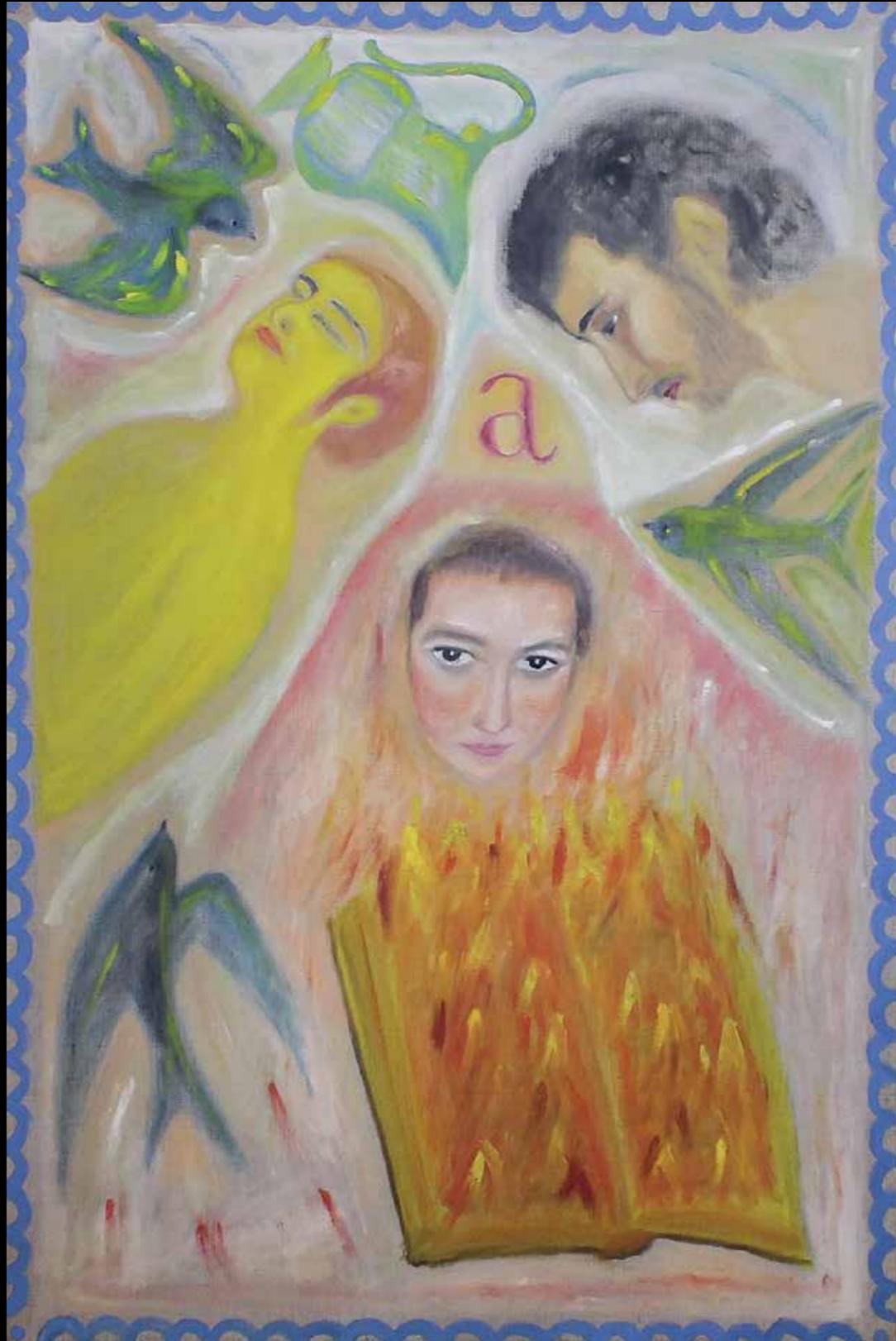
Todos falavam sobre desfile de estrelas,
Sobre florescimento impetuoso, indomável,
E nós olhávamos as inflorescências amarelas,
E luz amarela em busca da liberdade
Em um distante solar da vida, da terra,
Iluminava tanto os nossos sentidos,
Que eu não reconhecia coisas habituais,
Eu perguntava: "Que flores são essas?"
Tu respondias: "É tudo urtiga."
Nós erguíamos as cabeças, e em cima,
Parecia que cor amarela mudava para cor ardente-azul.

Eu te dizia: "As cerejeiras
Vão ter tantos filhos – tanta prole!"
Você, calada e confusa, beijava minha palma,
E repetia nos lábios: "Espera, as maçãs, elas irão amadurecer."

Eu vou com as maçãs fazer o bolo".
E nós sonhávamos, que vai ter tanto delas,
Que os preços cairão, e para nós
Será suficiente até mesmo um desejo
Para comprar tanto ameixas como flores.
Eu já segurava a pera na minha mão
E sentia beijo tão florido
Como um fruto suculento e maduro.



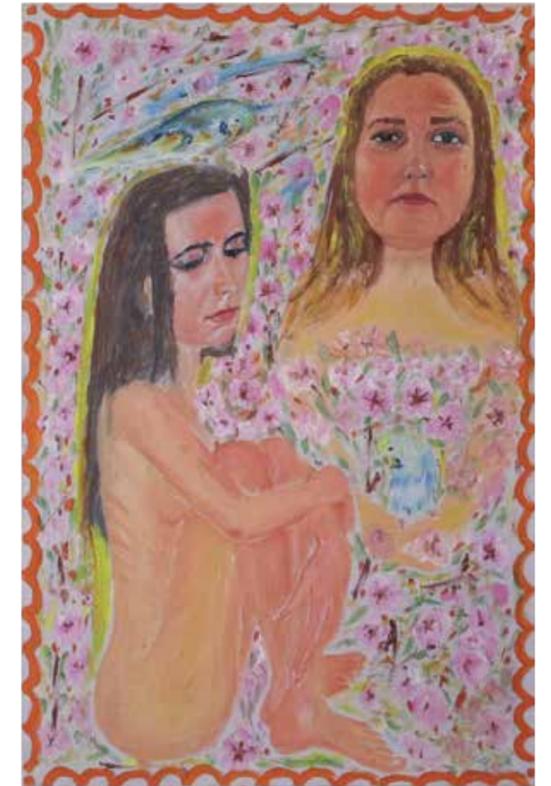


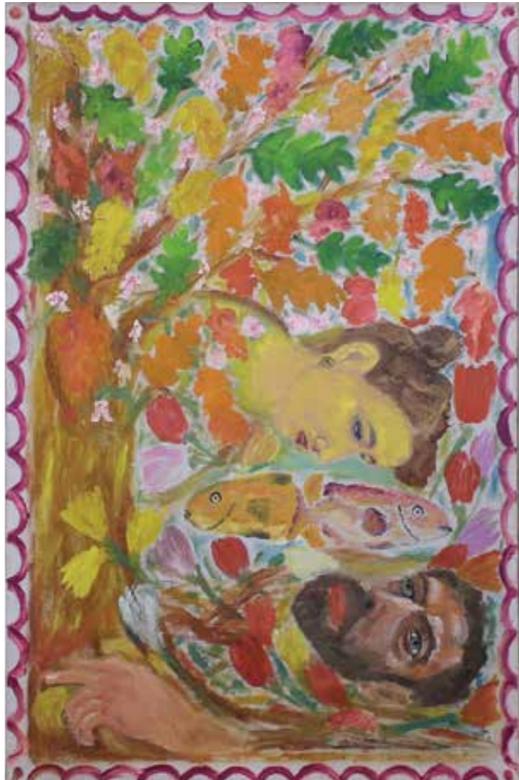


Assim nós dividíamos a luz em partes do mundo,
Em partes da palavra – de onde é a luz.

Da folhagem nasciam sombras coloridas,
E em teu rosto se refletiam:
Ora arvoredos distante dos olhos,
Ora jardim choroso, ora abelha, ora mosca,
E perante os olhos subiam nuvens,
Dos lábios soltavam passarinhos
E silenciosamente voavam sobre mim.

De onde é essa tristeza, de onde são as lágrimas,
De onde é o lago no vale solar?
Eu vou secá-lo, eu vou ser o Sol,
Eu vou plantar amendoeiras em flor.





– Bem sabes, as árvores chegam a morrer,
Quando florescem tão impacientes,
Elas não podem sobreviver à natureza
Do seu amor perfeito e solar.
Ião morrer, e na terra desértica
Apenas restará posteridade etérea
As flores pálidas e murchas,
E as folhas encobrindo os rostos
Dos habitantes em luto do lodo sem vida.

E eu pensei: “Bem, agora na primavera
Nós esperamos o fim da alegria de florescimento,
Mas se estamos destinados a morrer no outono,
Ao fazer colheita, nós encontraremos Deus,
Isso não é maravilhoso?!
Pois nós o veremos ao lado da vida
Não esquecendo de si mesmo,
Ainda com os corpos próximos das almas
transparentes.
Como Ele vai olhar?
Com nossa beleza como vai se fundir?
Será que estará sozinho ou precedido por
elementos?
Nós chamamos de caos o terrestre
Mas Ele, transparente, nos dará a luz”.

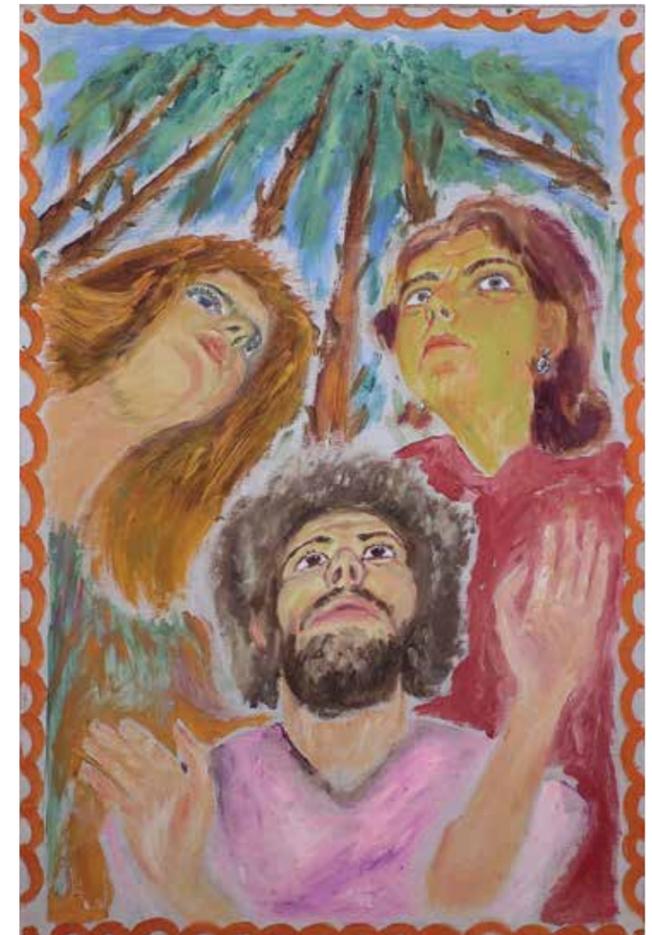
Assim reconhecendo a natureza morta
E o aparecimento alegre de Deus,
Gritei alegremente: “Estás comigo!”





E nós decidimos – por que não é agora,
 Não agora, como neste verão,
 Epifania espera o mundo.

Os sofismos da vida – a vida e a existência.
 O que nós entendemos sob o sofismo?
 O círculo espaçoso em que toda a
 circunferência
 Se torna um único ponto central
 Com o reflexo óptico e espelhado.



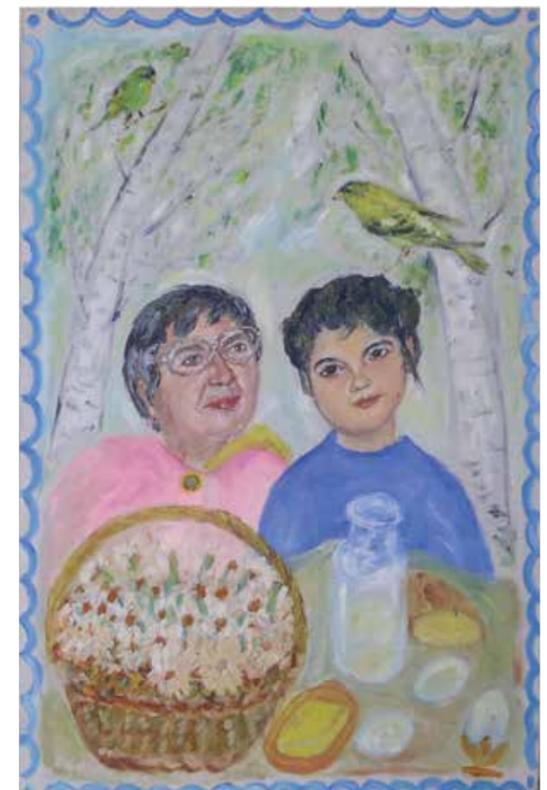


III

Sempre este verão, sempre ele murmurando
Sobre reminiscências passadas da primavera,
O que é para nós a primavera?
Pelo visto, não é nada,
Apenas um "te amo" sem pressa,
Apenas "amo..." e, como da vida passada,
Surge nos céus um anseio
E descansa na terra o deleite.
Tal remanescente inesquecível,
Que até a própria vida não soube mudá-lo,
Com a timidez ingênua ela olha pro alto
E diz: "Quem, quem já amou assim?!"

Todos saiam num comboio de câmara
Para reinado sinfônico da natureza,
Os violinos falhavam, exprimindo os sons
Dignos para o céu em trovoadas,
O verão preenchia o vazio
Dentro das figuras na clareira solar.
E esboçava retratos pontilistas
Das moscas e besouros, assim como pessoas.

Como no conto de fadas surgia samobranka –
Uma toalha mágica que por si própria
Criava um piquenique despretenso,
E refeição partilhavam, cheios de ar,
Corpos esculpidos pelo verão.

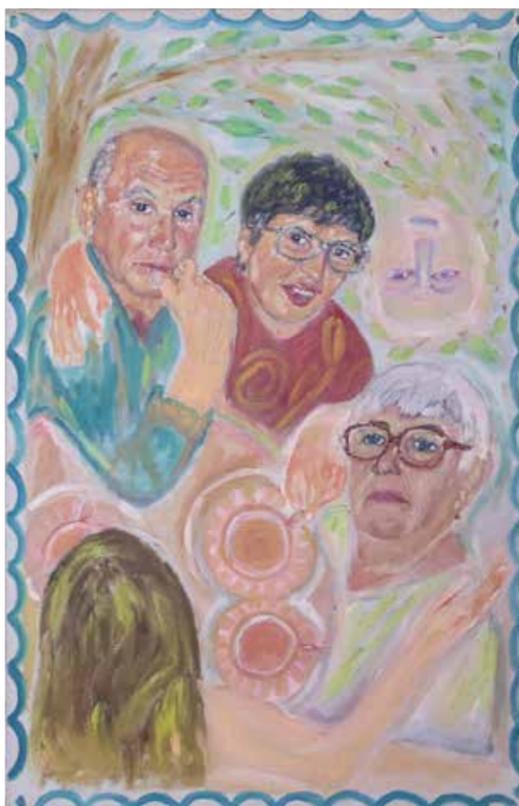




Quando os olhos examinam caule,
E a visão distingue o cordão umbilical
E os capilares das folhas virgens
Nasce a vontade de inspirar
Clareiras entre os ramos inclinados,
E gozar o calor pleno
Da estreiteza do mundo em aproximação,
Em que o sensível dá a luz à longitude
E a sensação da felicidade – é a eternidade.

Ficar assim deitado entre os seus parentes,
E apreciar a festa do almoço,
Ou inalar vapores resinosos
Para que o aroma do chá quente
Se una às flores desabrochadas
E chegue à ponta da língua...
Será que não é a preocupação em criar
Do caos primitivo – o terrestre?
Será que não é uma preocupação perante Deus
Sobre a atração eterna dele?
Como está profunda a sensação terrestre,
Ao saltar da clareira florestal
Subitamente pairar e caminhar sobre as flores,
Sem amassar os talos para os Céus!
Esta imagem invertida e doce
Em nós provoca as vertigens
Na hora do meio-dia quando os céus
Olham em domínio na terra com afago.

Mas é verão, todo ele calmo,
De noitinha as cigarras cantam
E transformam o resplendor numa cintilação,
Fazendo adormecer a saudade doce...
E a felicidade devaneia congela.





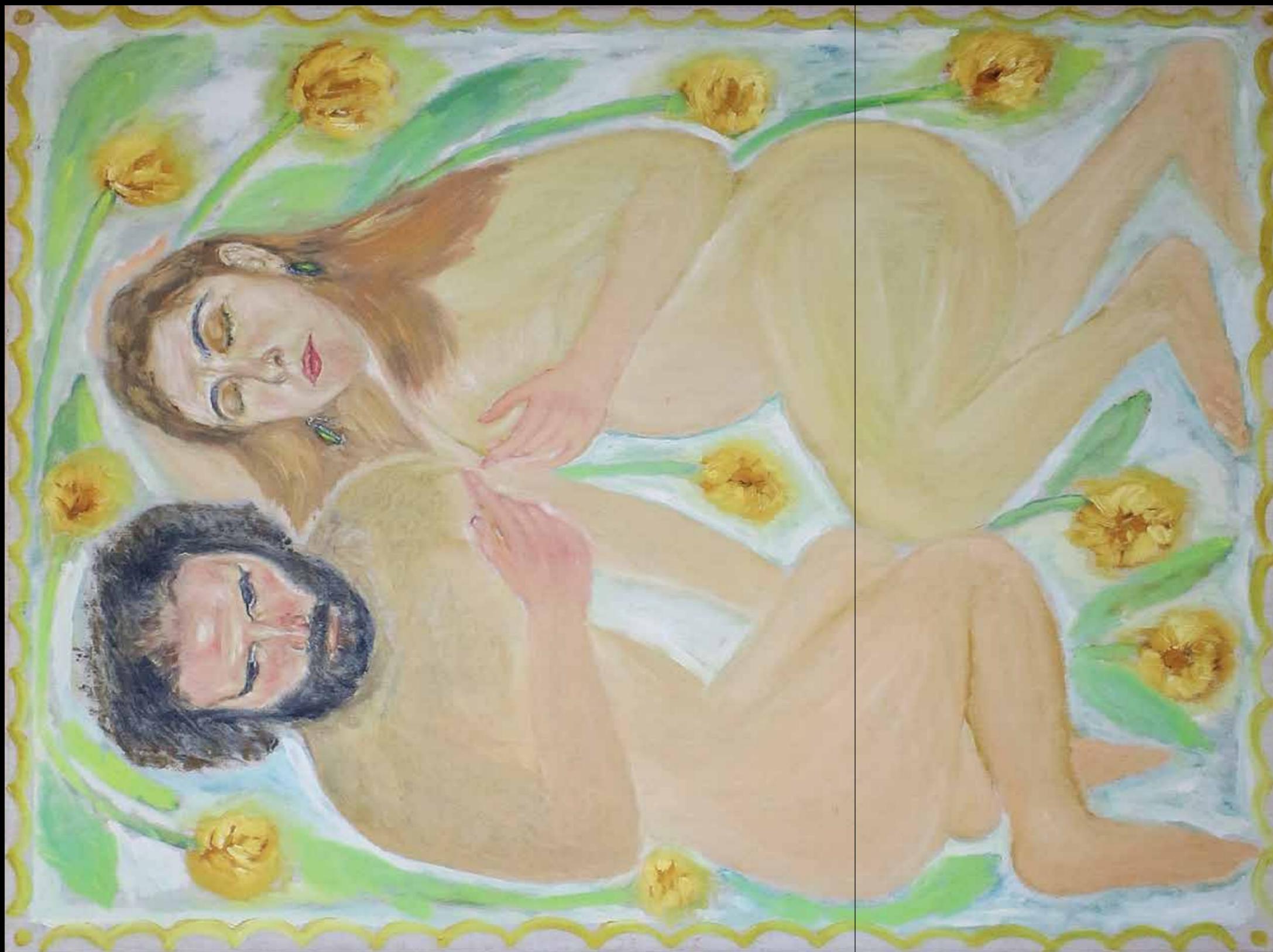
IV

Oh, caro agosto! Como te desenham!
 Contorno delicado com pescoço de cisne,
 Cabelo louro com borboleta branca.
 Quando as flores não te emocionam,
 Tu te aprofundas em algum ramalhete
 Da lua e da noite, do mar ou dos olhos.
 Tu, tremulante, mas tu és ainda assim calmo,
 Tu – lua cheia de verão, tu... sem palavras,
 E como tens demasiadamente sons,
 Tu – à espera da voz, tu – tristeza.
 Sim, a tristeza, ó meu agosto sereno e materno,
 Meu lar, meu limite terrestre.

A tristeza da despedida é a mesma do encontro...
 Deixando o meio-dia e recebendo...
 Para ti as horas são destinadas com cautela,
 E ainda assim, pelo visto, só até a primeira
 metade,
 Depois de lá, nos restara apenas o outono.

Outono, como uma droga, descia dos telhados,
 Chamava cerimônias do tempo chuvoso,
 E terra turva e peneirada
 Acrescentava ao agosto. A cor da semana
 Lembrava uma estrada acima do penhasco –
 Predominando a argila e o pastel,
 E tudo se juntava num nítido temporal.
 Das janelas se abria uma perspectiva,
 Mas perspectiva de outono – a vastidão
 Deitava como uma predição macabra
 Da agitação, num todo, vã.
 Aqui não havia nem sequer um limite,
 Estava aqui só o setembro recém-aparecido,
 E nem mais dava a vontade de desenhar
 As cobertas deslizando dos barcos cargueiros,
 Mas o que fazer, tinha que viver.







Vinha mais frio, o tempo vagueava,
 Como navalha de manhã antes de fazer a barba,
 Sem deixar chances para as horas
 Ou os minutos do lazer tranquilo,
 Tudo que quente teve que bater em retirada,
 Mais afastado da natureza, mais em casa.

Achávamos o festejo tão alegre
 No peitoril cantava costumeiramente
 Pássaro feliz, a tão querida lenha
 Coloriu o fogo em ultramarino
 E na varanda o "samovar" antigo
 Cumpria seu trabalho com todo o rigor.

Estava posta a mesa, mas demorávamos a ter pressa,
 Saboreando esperança certa
 E o pressentimento dos bolos doces.
 Assim que os pires coincidiam enfim
 Com a imagem ávida do rosto
 Nos deleitávamos com a ressonância da calma
 E com o ar do doce de framboesa.
 Então sentávamos todos solenes,
 Conforme o sexo e a idade –
 Com o jornal, com o livro, ou simplesmente na
 modorra...
 E escutávamos como as gotas do telhado pelo vidro
 Trombando os dedos, batucava chuva.

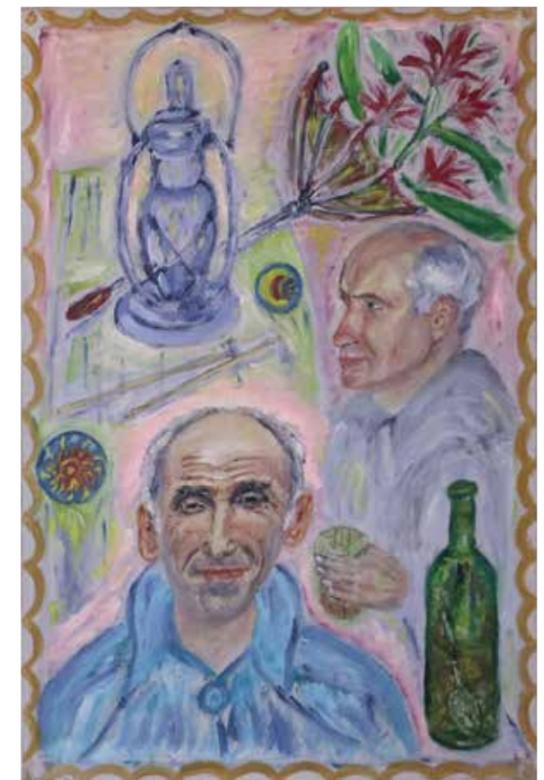


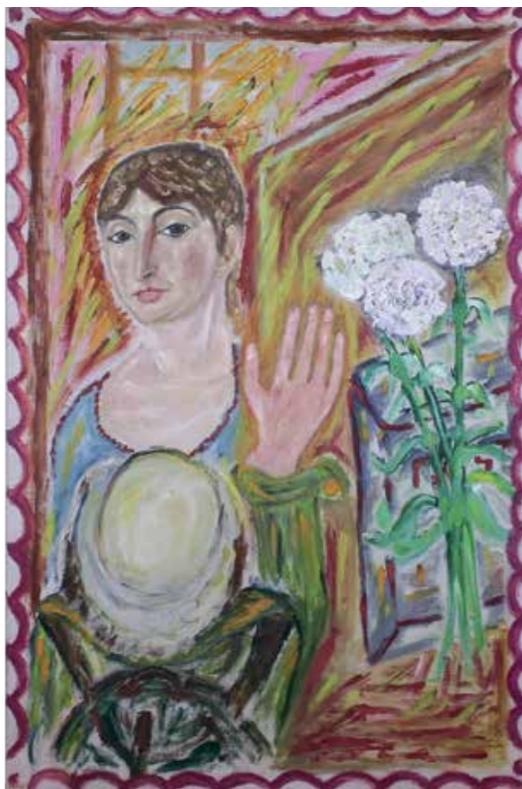


Corriam as gotas, tudo virava acinzentado,
O vidro mudava de cor para tragicamente-
triste
As crianças discutiam – qual dessas lágrimas
Será a primeira alegria delas, e qual
Ao entregar o calor, derramará no vidro.

Os velhos não discutiam, eles
Já lacrimejavam um outono diferente
E talvez pensavam no destino,
Nos brinquedos de corda infantis
Nos carrinhos hábeis, no relógio –
Como é difícil os poupar, e como em breve
Já não dará para reconhecê-los, que tudo
mudará a cor...
Se pudesse viver, se pudesse não partir!..

À noite, inclinados sobre a mesa,
Jogavam rebus e charadas brancas,
Corriam da lâmpada de querosene
As sombras chinesas aprendidas,
Ao nomear seu objeto com uma dica,
Eles inspiravam outras imagens,
Eles subjugavam-se às regras da chuva.

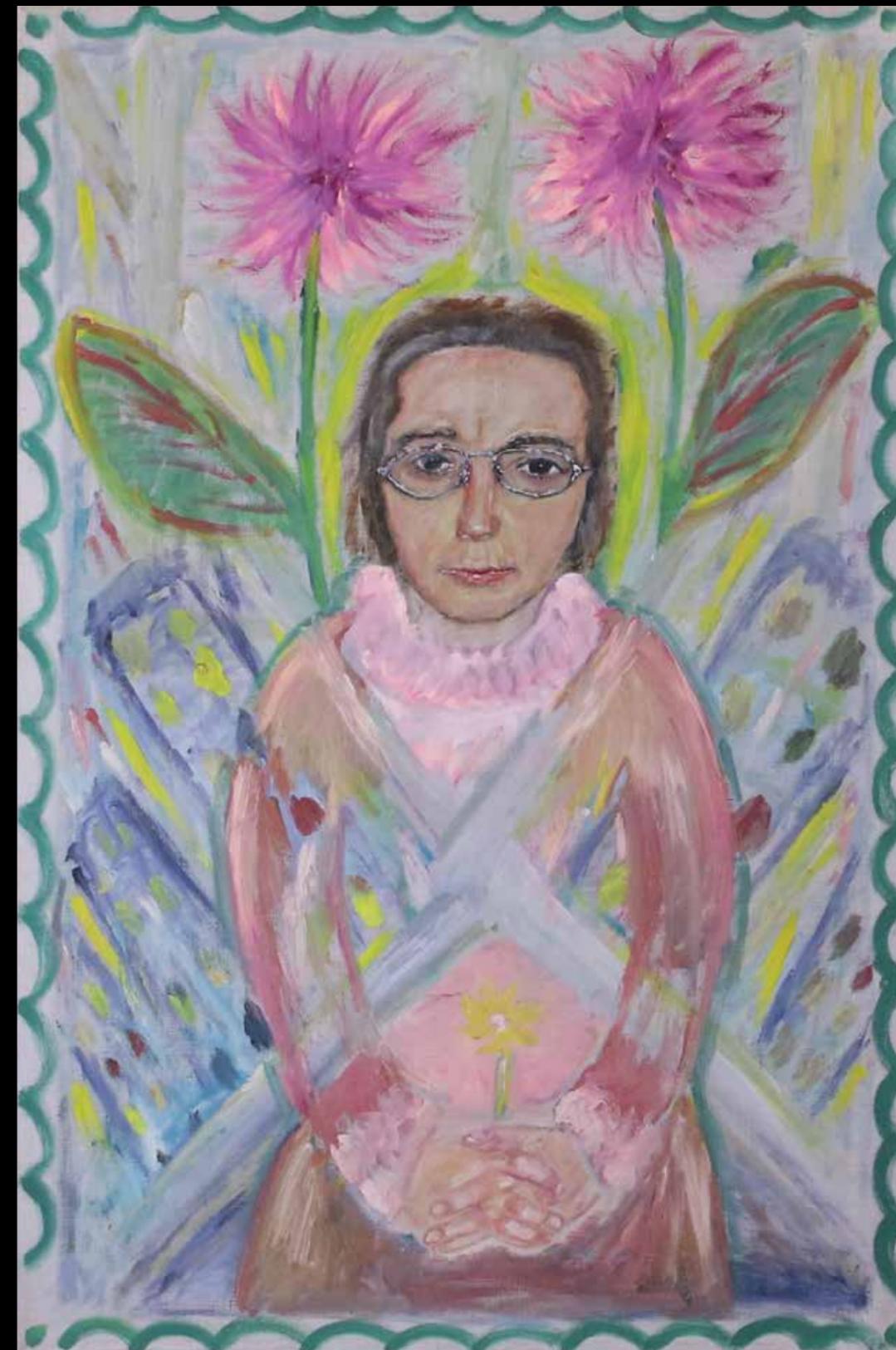


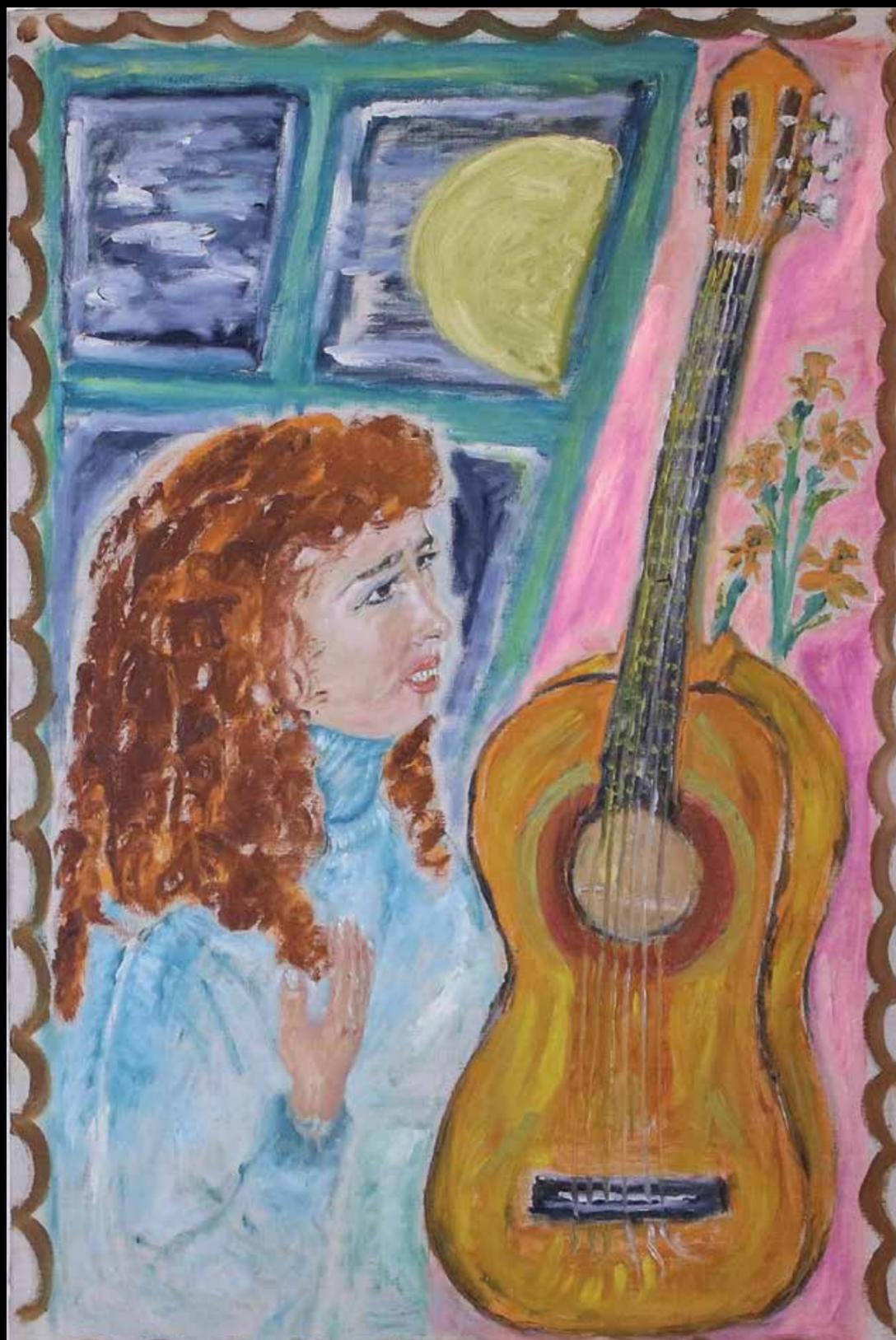


Nós esperávamos em vida abafada
 Batuque chamador cadenciado do destino,
 Fechávamos a porta, todo tempo medo...
 De repente alguém olhou para a janela...
 Todos riram –
 Não, de novo não é Ele.

Do outro lado da janela, balançando as folhas
 Respirava o mês de setembro, e adentrava em
 outono,
 Ele conduzia o olhar reflexivo
 Da estreiteza do penhasco à proximidade do
 agosto,
 Às horas de lazer, ao verão dos ângulos,
 Onde o fel solar é amargo e voluptuoso,
 Onde por baixo das folhas a sombra é cruel,
 Mas o coração é cheio de folhagem terna.

Aqui são descobertos os palpitos da natureza,
 Os que a cidade distante desconhece,
 Pois vegeta nas ruínas obscuras,
 Nela as janelas estão acesas e elas – amedrontam.
 Toda a vida se amontoa em discórdias
 mesquinhas
 E para a longitude, a latitude não bastará.

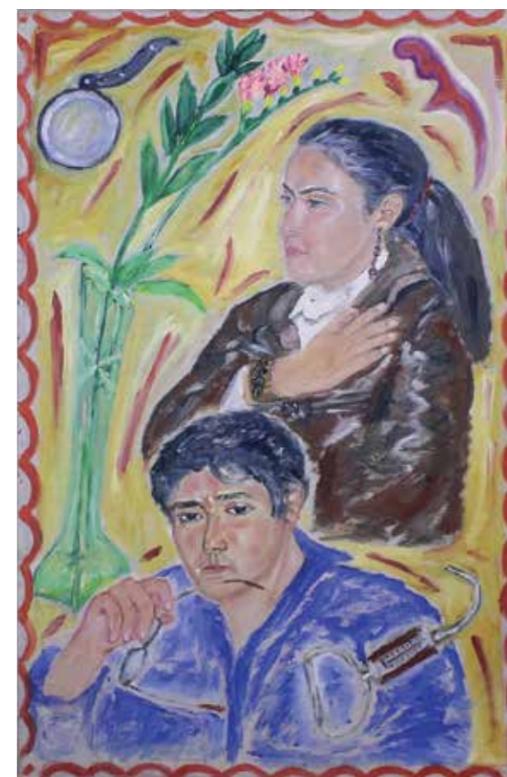




Mas logo está a cidade. Os vidros urbanos
 Não refratam o espaço com entardecer –
 Eles amaldiçoam e invocam o abismo,
 Eles carregam a culpa de irreflexão.
 Lá, mergulhados em brigas mesquinhas,
 Ali não vão fundir-se o coração à natureza,
 E assim na madrugada do barulho urbano
 Surgirão harmônicos “Estou cansado”.

Assim, a frequência das avaliações e objetos
 Dentro de nós não considera a constância,
 Em perseguição das vaidades mundanas,
 Atrás das substâncias de ideias de varejo
 A vida se desperta em pretensão do sucesso
 E esta vida é insignificante – eis o preço!

Mas em agosto há tanta plenitude
 Dos ovos tortos e curvas flexíveis,
 Que este mês só é pensável fora dos limites,
 Depois da rua alastrada pelo campo
 Ou no jardim ou ao entardecer,
 Onde a borboleta, que aguardou a escuridão
 Parece uma flor em movimento.
 O olho de pavão já não a vê,
 Mas veem as asas, e estas levam.
 Quando de repente esbarra-se no temporal,
 Por cima do despenhadeiro se eleva a barreira,
 Que separou o vale do abismo,
 E as folhas brancas nas palmas convexas da mão
 Representam os manifestos de renúncia –
 Se cala a voz e a noite cai.





V

Como é doce o Teu nome!
 Como é bom estar contigo!
 Como ilumina amar!
 A alma cintila! Senhor! Como é bom!
 Aceita o peregrino à Tua sombra!
 Cuida dos meus entes queridos e próximos!
 Eu amo a Ti!

VI

A essência do autor reside na presença da chuva.
 A chuva é o moinho.

Nós saíamos em cobertas sombrias,
 Com os chinelos noturnos para a lama de seda.
 Os ásteres passeavam no jardim, estava úmido.
 Do tremor inanimado da chuva
 Nasciam as borboletas, e o resplendor nascia,
 Morria apenas o sentimento da novidade
 Dos espantos azulado-solares
 Das clarezas da noite e das clarezas do dia.





O feno úmido apodrecia próximo da casa
E abafava com o seu cheiro
O aroma natural do elemento veraneio,
A fragrância de mariposas lácteas,
Lembrava aos frutos em amadurecimento
Sobre a vanidade do florescimento terrestre.

No fim das contas, o outono também
tem o seu maio,
Mas este é percorrido pelos mananciais
úmidos de cogumelos.
É carregado de cuidados com os frutos,
Com os filhos crescidos, com os estudos,
No seu ventre está velhice – ele é um velho.
E não bastarão as amarguras humanas
Para pegar um fôlego na véspera do inverno.
Por isso que adoecemos e definhamos,
Nós não conseguimos tempo para respirar
no verão,
Mas como conseguir – segui-lo é impossível.

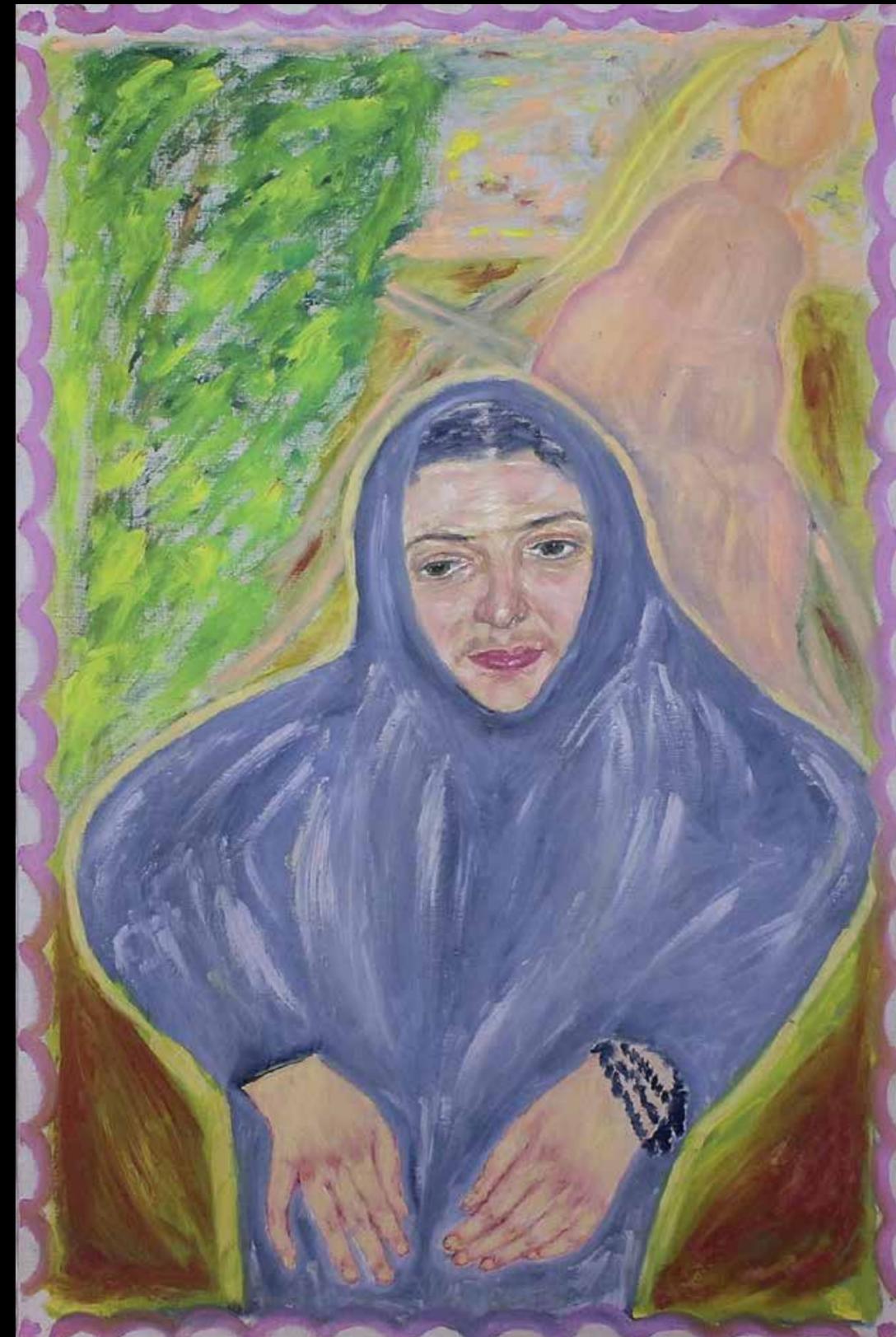




As alamedas saíam na vertical
Da escuridão dos espantos para o jardim
veraneio,
Onde o outono conseguia traçar
Os seus direitos pelo privilégio de douradura,
Onde prateavam os arbustos molhados,
Onde esperavam as rãs pré-históricas
O seu destino mudo e o vazio demorado.

E quando nós saíamos pela porteira,
A trilha se transformava em uma via –
Em uma teia destroçada pelo temporal.

Nós subíamos cada vez mais alto, mais
próximo a igreja,
Deitavam os cruzamentos desabrochados –
As cruzes do outono descoberto.
Tremiam os galhos, a luz atravessava
A abóbada molhada como num epílogo
apropriado,
A estrada serpenteava-se, como uma estrada,
E carregava lama enrugada em toda sua extensão.





Quando o vento tencionava as articulações,
Eriçando as nuvens e juntando os troncos,
No céu de palha brotava
Um broto radioso da abóbada cebola da igreja,
E nós ficávamos em pé calados no penhasco
À espera das convulsões da chuva.

Era tão longe para nós mesmo até
o objetivo próximo,
Nossa nostalgia de sentimentos
mudava para o sentido
E passava o tempo por cima da estrada.

A chuva se extinguiu. E era tudo mesma tarde,
Apenas se dissipava a neblina.
O jardim se preparava para sair de casa...
Ele partia, e casa se transformava
Na uniformidade do apartamento urbano
E na vereda da memória. Depois
Ela se apagará. Marejava sobre as malas...
A borboleta, juntando seu olho de pavão,
Esperava sem pressa temporal.
E em cima da caixa rígida da porta
Tudo passava – as nuvens, as folhas, a vida.



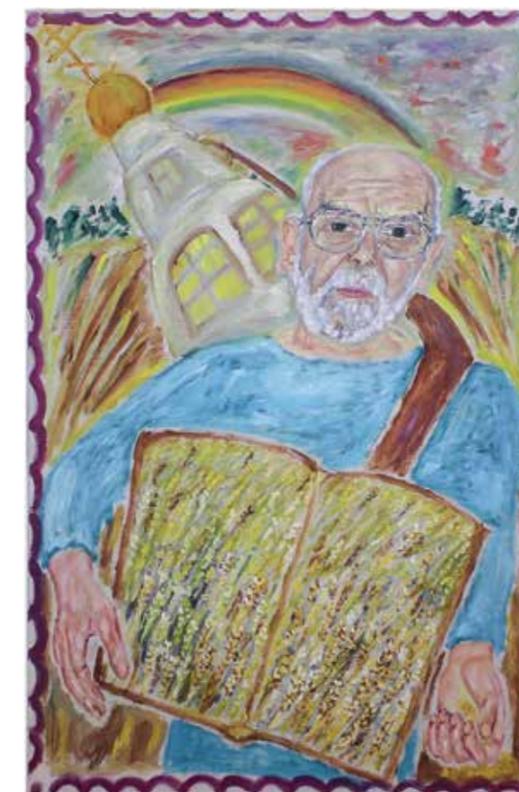
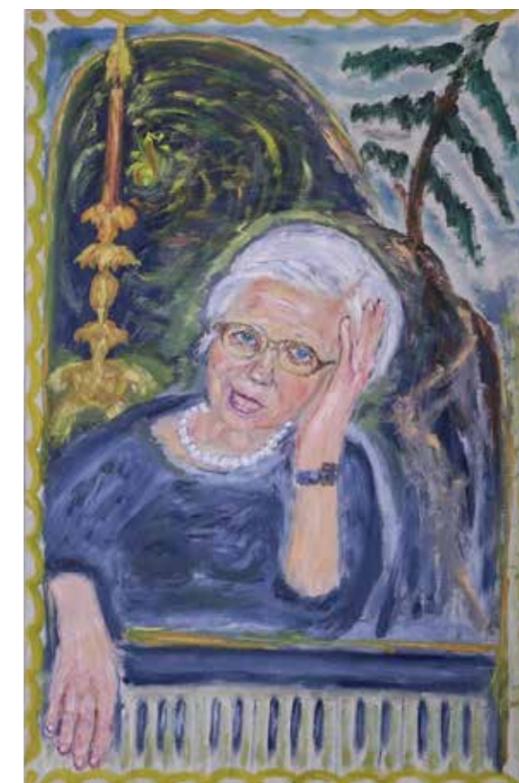




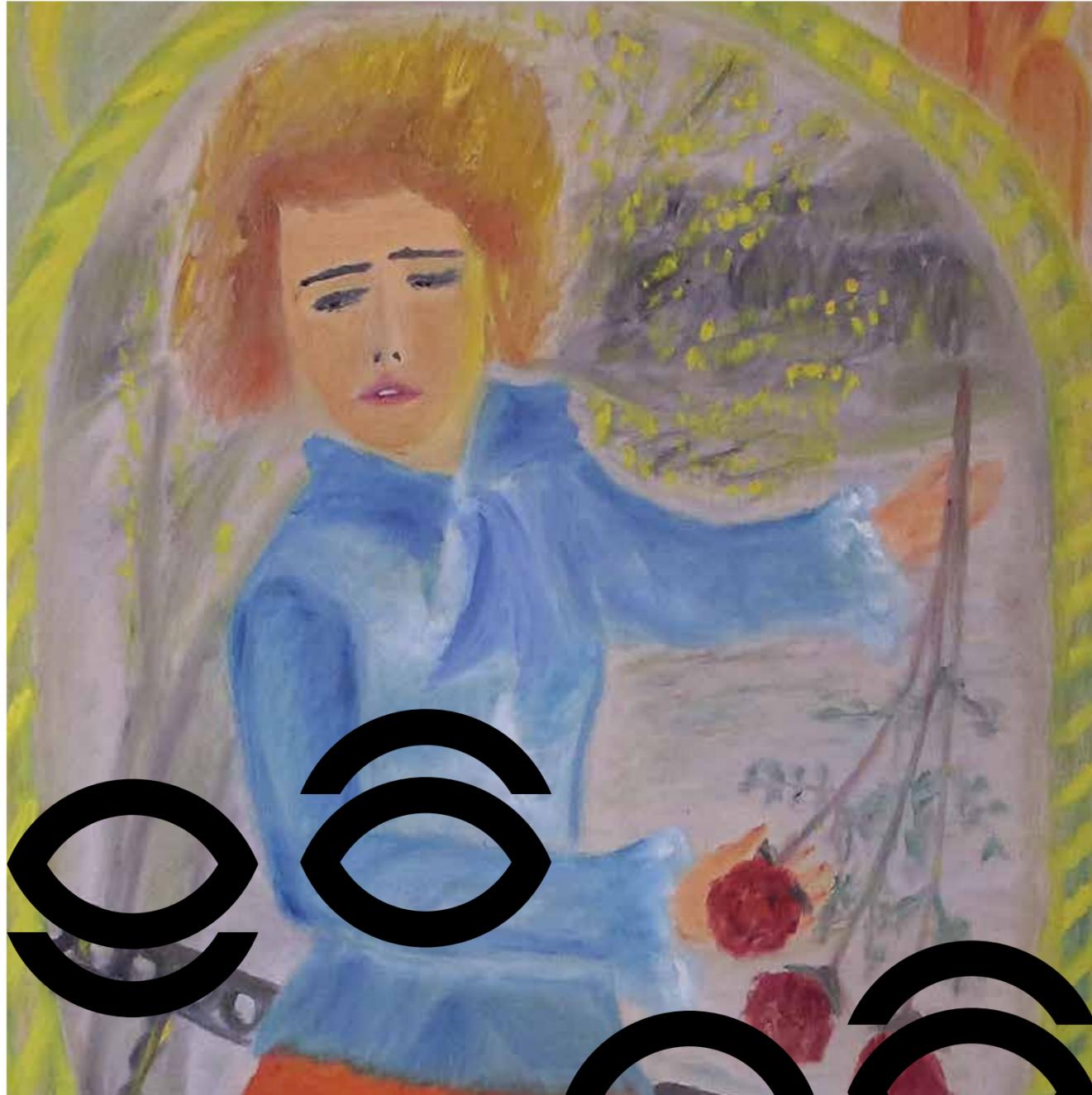
A respiração se acalmou e como vapor
 Permaneceu na neblina de âmbar
 Sobre a vereda dos dias marrons
 De argila amolecida e de água,
 Para onde corpo luminoso pousava
 Os seus extremos na beira do temporal.
 E do encontro acinzentado nascia
 A madrepérola cinzenta e soturna.

Logo se esquecia tudo que houve –
 A estrada em crateras de chuva,
 O piano de cauda com a costa rachada,
 Quando obscuro e melancolicamente
 Tocavam em conjugações negras
 O noturno “Para peregrinação da chuva”.

Então anoitecia. Ainda não sabíamos
 Que esta opacidade e o verão –
 Era o mesmo. Na parede
 Eles retratavam-se apagados
 Sob a coberta apagada próximo de Deus,
 Outono de cordéis pesqueiros e de temporal,
 Os esperava perto. Aqui está
 O mandamento cego da paisagem –
 O barco inclinado em olhar pré-eterno,
 Sobre colina iluminada
 Cúpula nos conhecida, ao lado cruz,
 Guia do Evangelho,
 O profeta calmo no campo amarelo,
 E da douradura transparente
 – como se erguesse arco-íris.



Projetos



Projeto Expográfico

O espaço da exposição Afresco de Outono foi construído in-loco. As obras ganharam seus lugares a partir de sua relação com o espaço, com o texto do poema que ilustram e com o espaço cênico necessário para a atuação da performance homônima. Separamos as telas em grupos que formaram planos distribuídos na sala expositiva. A ideia era explorar a quebra da forma do retábulo, trazendo as obras em sua autonomia para dentro do espaço, formando um conjunto que evocasse a organização cênica da arena. A hierarquia expressa no trabalho e centralizada nas figuras familiares foi disposta ao centro, de onde irradiam braços curvos. A disposição explodida das obras propicia múltiplos fluxos, em que verso e avesso, a representação da família e agregados, sujeitos e objetos, podem ser percebidos de forma variada. A iluminação foi pensada para soltar os planos suspensos. Pequenas lâmpadas foram dispostas pelo iluminador Calu Zabel, no tratamento do aspecto familiar e popular que gostaríamos de ressaltar. O resultado é um altar, onde estão dispostas todas as figuras sagradas para a história do artista. Não um altar ortodoxo, mas antes desconstruído pelas familiaridades e o calor local.

Gabriel Gutierrez
São Luís, maio de 2021



Comunicação Visual

"As máscaras são um furo: um portal. Inquisidoras, atônitas, debochadas e absurdas, apresentam-se como um espelho de mão-dupla, revelando quem está atrás e na frente delas". Este trecho, extraído do texto curatorial, explica o partido adotado pela comunicação visual – um pattern de formas que ilustram olhos abertos e fechados: um paradoxo, do espectador que olha a obra e vê a si mesmo, que fecha os olhos para se observar. Como elemento complementar ao uso dos patterns foi adotada na comunicação visual uma tipografia geométrica e condensada, de inspiração nas letras da vanguarda moderna russa, trazendo para esta montagem em São Luís um elemento visual do contexto da terra natal do artista.

Fábio Prata
designer gráfico
Maio de 2021



Convite



English Texts

Introduction

It is with great pleasure that we present – as never seen before – the illustrated poem *Fall Fresco*, created by the Russian-Maranhense artist Evgeny Solomonovich Itskovich (Евгений Соломонович Ицкович or ECI).

The 82 paintings by the artist featured in an exhibit at Centro Cultural Vale Maranhão. Alongside the paintings, a video performance completes the creation cycle of the artist's works.

ECI and his family arrived in Maranhão in 2006. They currently maintain the Russian Museum, located in the historical center of São Luís. People who walk through the city will probably be surprised by the originality and eccentricity of local shop windows, which – just like an enclave – suggest a special universe to passers-by in which Russia and Maranhão meet.

After nearly two decades living in the state, the Itskovich family's artistic works can be considered as part of the cultural heritage of Maranhão. After all, isn't culture made from this mixture? We believe so!

Have a nice read and a nice trip!

Luiz Eduardo Osorio

Administration Board President
of Instituto Cultural Vale

Biography

Evgeny Solomonovich Itskovich (Евгений Соломонович Ицкович)

ECI was born in 1959 in the city of Kiev (current capital of Ukraine) – where his mother's family used to live – in the territory of the former Soviet Union. He was then taken to Moscow, where he remained until coming to Brazil.

He wrote his first poetry pieces at 12 years old. Evgeny's creativity worried his mother, who took him to a psychologist for a consultation. The diagnosis was precise: poet.

On the side, he became a paramedic. The study of human anatomy and physiology, as well as training to diagnose people's conditions have greatly impacted his art. During this time, ECI took part in an archeological expedition to Chersonesos, where he met Liubov Itskovich, who he married after they reencountered each other four years later.

From the 1980s, the young poet began to outline his artistic space through recitals. With friends, at parties at his house and with his wife, ECI expanded his audience and was invited to recite his poetry to increasingly bigger audiences – in theaters, poetry clubs, on the radio and in other public spaces in the Russian capital.

In 1995, in modern Russia, ECI released his first poetry book – “Signboards of the Heart”. The book was edited by Liubov and illustrated with his younger brother Dmitrii Itskovich's paintings. It received an award at the National Book Art awards in 1996, in Moscow. For his second book “Fall Fresco” – a poem written in 1983 – ECI painted and illustrated the work himself. In 2002, he created his first paintings.

In 2005, with the book nearly finished, ECI hosted his first exhibit in the “Asti” gallery in Moscow.

Having received many positive reviews, some of his works were selected for the disco-catalogue “Visual Artists of Moscow 2005”. At the time, ECI's children Evgeny and Maria were already participating in poetry recitals with musical performances.

In 2006, the artist had his first exhibit in Brazil. Called “Next – On that side”, the exhibit took place in Galeria Antônio Almeida, at Palacete Gentil Braga in São Luís. Fascinated by the welcome he received from the people in the city, ECI decided to move with his family to São Luís, where they created the Russian Cultural Space “ECI MuseuM”, which permanently hosts his works.

Among the spaces that have presented ECI's painting are: Antônio Almeida Gallery, Fernando P. Gallery, Maranhão's History and Artistic Museum, among others; and in Moscow: Kiselev Gallery and Put Edinstiva Gallery – a gallery that is well-respected by his daughter Maria Itskovich.

Maria Itskovich

Actress, singer, composer, clown, poet, dancer, producer and music teacher, Maria is ECI's daughter. At 16, she moved from the Russian capital Moscow to São Luís – MA, Brazil. She studied lyrical singing at EMEM and Music at UEMA. She is an expert on methodology and taught piano and music at UFMA. In her artistic journey, she was part of the circus group Du-nada, of regional dance groups Tambor do Mestre Amaral and Cacuriá de Dona Teté, Cia. Direto da Fonte, rock band Ornitorrincos do Sertão Turu. She held lyrical singing recitals and played Luna in the movie franchise "Muleque té Doido", a huge success of Maranhão cinema. She has also composed tracks for "Mulheres de Shakespeare", the short film "Eu sou Patrimônio" and for the Fall Fresco performance.

Evgeny Itskovich

Born in Russia, Evgeny dedicated himself to composing music since he was 14 years old. In Moscow, Russia, he has performed in many solo concerts, playing songs he wrote. From the year 2000, he began working as a director, composer and playwright in a multitude of cinematic and audiovisual projects. He holds a master's degree from the NGUNN in Moscow (2005) in cinema and TV directing. Evgeny has directed films, composed tracks and written scripts. He moved to Brazil in 2006, where he studied music at the State University of Maranhão (UEMA). He composed the tracks for the play "Para Uma Avenca Partindo" and "Amor Obsessivo" at Teatro do Redentor as well as for the film "Alma e Corpo", which he also directed. He was a substitute professor in the Music Department at UFMA, has held lectures at Maranhão na Tela Festival, at Maranhão's theater week and Museum Week, as well as holding lectures and courses on cinema and music in many different areas of the city of São Luís, MA. He has directed both documentary and fiction films. Evgeny funded and, since 2008, is the director of the Russian Cultural Space "ECI MuseuM", where he also works as a music and cinema teacher. Currently, he is studying Art and Music Teaching at Instituto Brasileiro de Formação and is the composer for the musical track, the piano player and a performer in the exhibit "Fall Fresco".

Liubov Itskovich

Liubov was born in Russia on September 3rd 1958, in the city of Khabarovsk (Soviet Union) in the far east of the country. When she was 9 years old, she moved to Moscow. She holds a Master's Degree in Landscape Architecture from the Moscow Forest Technology Institute, is an expert Tourist Guide and a member of the International Art Foundation. Alongside working with landscape design, Liubov has dedicated herself to educational and cultural activities. She was principal at the Filipova private school, where she developed an educational concept, involving organizing trips, meetings and cultural events. She came up with the idea for the art of the poetry book "Signboards of the Heart", by Evgeny Itskovich with illustrations by Dmitrii Itskovich. For that, she won an award in the National Contest for Book Art in 1995. This creation led to the next book: "Fall Fresco". After arriving in Brazil, along with her family, she created the space "ECI MuseuM", where she works as coordinator and manager of cultural, educational and environmental projects, as well as teaching Russian.

Áurea Maranhão

Áurea Maranhão is an actress, director and performer who graduated from the Dramatic Arts School EAD/ECA/USP. She is an actress and researcher for the group AP43, directed by Nara Sarakê, co-founder and producer of Ordinária Companhia – a theater group based in São Paulo (SP) – and partner in the production company Marafona Blue. Áurea made her debut at Rede Globo playing Ticiania in the soap opera "A Dona do Pedaço". She is set to star in the Netflix show "Invisible City". Áurea has also directed the short film "Carnavalha", which won an award for best film by the popular jury. She won a best actress award from the Maranhão na Tela and Guarnicê festivals and a Best Maranhão Film award at ABD 2017.

Fall Fresco

Memory and Invention

Mother, father, brother, uncle, piano teachers, tea drinkers, plants and naked bodies, saints and demons, the living and the dead are all part of the altarpiece that illustrates the poem "Fall Fresco" by Evgeny Solomonovich Itskovich (ECI). The images are not from here! They came from abroad! They are Russian! The environment, objects, subjects and the delirium prove it. However, looking from the outside, we realize that the approach is an intimate one. Everything is inside – or comes from the inside – and acts as a mirror, inviting people to look into what connects us as idiosyncratic beings who are diverse and original, whether through their differences or what provokes a sense of strangeness. Everything is strange and familiar. The family hides a shadowy area of indefiniteness and prison, in which the intangible limit of the other person is constantly tested and broken. Famulus – slave in Latin – domestic slave, slave of another, another person, always a mirror.

The faces we see are festive, theatrical and funeral masks. Extemporaneously, they remind us of the historical masks in western art: Fayoum's portraits, Renoir's, Ensor's and Chagall's characters. By the way, in this last example of a Russian expat, the artistic translation of home memories reveal the movement of perpetrating the individual who is out of place in their time and space. The masks are a hole: a portal. They are inquisitive, astonished, mocked, absurd and they present themselves as a two-way mirror, revealing who is behind them and in front of them.

The masks presented at "Fall Fresco" perpetrate the dead, even those who – when alive – have become smoke while building memories. The entire paraphernalia is present in the dreamlike, mystic and absurd universe, which was built to conquer the beyond, the eternity and the memory. The full weight of objects and their functions which define social and family roles shout: "I'm present!" – and then, a piece of Russia becomes Brazilian. At the end, to death, no one is Russian and we are all slaves.

ECI's paintings arrived in Maranhão alongside his family, in 2006. Today, they are part of the atypical collection of the Russian Museum, located in the historical center of São Luís. Although it might seem unlikely, the proposed universe is already a part of the city and, in this exhibit, it approaches the public to greet them. Does it seem haunted? Indeed. Others are always haunted and it is only possible to bring them to the light when we let them live in us at the same time that we live in them. This is the invitation made by the exploding cathedral in the paintings. Say hello! (Здравствуй!)

Gabriel Gutierrez

Artistic Direction and Coordination

The Scene

The conversation between the scene, the performance, the music, the pictorial and textual work "Fall Fresco" reveals the creative complicity of the Itskovich family, with whom I worked as a director. To create the performance, I suggested that the performers directly interacted with themselves: the artist's children, the audience and the paintings that are part of the set/installation. The paintings are live characters and, since they have actors as part of many of them, work as a mirror. This tridimensional disposition invites the audience to enter the space. The text guides the scene dynamic and the relationship between the bodies present, the music and the work.

The way of thinking and the Russian language are part of the entire creative process of the performance. The lines and the singing are directed at the audience sometimes in Portuguese, sometime in Russian, which allows the audience to dive in the sound of this magnificent language, which says a lot about what cannot be translated.

Áurea Maranhão

Poem

I don't know – here's the reason
If the day is darker than the night,
I don't know – here's the reason,
And the lines of my life do not answer
To my voluminous memory.

I don't know how to live without faith,
I can't without love.
To the soul – the nature of doubt is opposing.
I love love

I – I am the denial of the common good
If I am to live with good sense
If it is not to get used to life,
But be the oblivion of the rain!

Do you look at the tight slope
Or if you dive headfirst
Into the dense swirls of reflection:
There is no road – there is only rain.

The rain would fade... the twines were hanging,
The windmill wheels would turn, and the humidity
Like a summer gauze would fall
Into damp bushes behind the house,
In the coldness of gutters, as the garden
Would keep things unsaid
Between the water and the twilight. The fruit
Would spread through the apple trees,
Would turn red in cherry trees
And would slowly drag through the pear trees.

And there behind the bushes, where hanging
Was the humid and stiff gauze of the wind,
Behind the reins of the sky the noise would begin
The water spilling from the disdainful leap
From the clay ichor and the blood
From tight roots spreading to the river.

The current would drag the soaking gravel,
Lathering the slopes with foam,
And the roots curved their thin joints,
They slid and clung to the cliff,
And in the roots, the foam was packed,
Like tatters of beard from the other year.

So the summer would say goodbye to beliefs from the past
So the shady life began.
And you wouldn't realize – from where it takes,
And to where the swollen river flows,
But the border that was close looked like the distant border.

And the windmill reflections of the gloom
Would turn the swirl, and the fall
Would leave suddenly like black snakes
For broken ruptures in the horizon.

On the slope, in the fishing breakdown of the nets
Life was dragging a tent,
Like an old dog drags his house
She simultaneously combined
The shelter, the rope and the sad sight.
And that is why the water would caress it
And would approach low windows
Looked at sundry mushrooms,
To a wood bundle, to children's toys,
To the broken hunchback bike.

How good, maybe, summer was
To enter here and search through old stuff
Without removing cobwebs from its hands,
And feeling how it approaches the heart
The thorned tenderness of fall tears.

To where, how long ago, with this object
The shadow of the past appearance would play;
How much of broken sadness is in it
If it could live!... But the grandchildren, the grandchildren
do not want it.
And the untangled thread of the fishing rod
And the stony lead grains
Launch to the past life swamp
The shiny buoy of today.

So the humidity would penetrate the umbilical cord
Of the newborn fall. Still...
It was still August, but the fall rain
Already hovered on the horizon as a gray wedge
With the face wrapped and the day gray
Already wielding the inkwell and the pen
To get the ink and type
The nocturnal calligraphy in the gloomy landscape.

The house approaches. Barely removing the branches
The water drips through wet hair,
The hands touch the glass
Just like fish touch transparencies
Large doors in the aquarium of earth
To find behind a white curtain
The silent and gloomy world.

Therefore, by penetrating the soul, the sleepy sight
Might see everyone, as it sees a dream –
Under the roof... there on the floor everyone walking
Or sitting but, however, living
Their inferior lives from beyond.
They live and warm up the kettle,
Set the plates, forks, spoons
Bring potatoes in a dark caldron.
And you miss flying
It's lightness in the sleepy reality
To get caught on the house's cobwebs
And there release a sleepy sigh:
"I'm with you! Wait for me! I'm still here!"

The pine trees would shake, the forest around it
Would maybe survive the old house
Like the ocean survives the land
And like land survives life

It would play the piano frankly
And the sounds, tamed by the fingers
Lived long in the submersed conscience
And discovered the new era
For the open eyes that do not see a thing

From over there on the window, thrown into the glass,
Those who ruined themselves in the storm,
Those who ended up in a stormy mess,
Their eyes would water as they watched the rain
And the cliff music continued
Differing it on the flat margin
When he hit deep waters.

You could hear the descent from the water to the river,
And opening up in the distance
You could see the repeated flood,
That would not carry the ark itself, but maybe,
That next wooden church
That with its black onion vault,

Would lift the soul even more
Than looking up.

Through the waves boats would pass,
Dragging the dropped oars,
Dragging themselves... with each meter
Their currents, blown off by the wind
Slowly swayed behind.

So August flooded hope –
On summer, on the appearance of God.
So August poured out hope,
Of what was predestined to us this summer the appearance
of God,
What we expected in spring too soon,
And so now until Christmas
We will merely stay in the world

II

Oh this spring – eternal solipsism,
Eternal self-consternation.
The scholasticism of the living – to live and exist.

For the eternal attraction of life to existence
The solariums would flourish and flourish,
Everyone wanted with fabrics of desire
To look like the big burdens –
How good, how soft, how much heat!

Nature was approaching becoming yellow,
Like the heyday of sunny freedom,
And that's why the desire to be cute
Did not confirm the rigorous tone
Of the stable spring interjections.
It is not the rigor of feelings, but the rigor of conduct,
That determines the layout and the zenith.

So, solariums, the ones drowned in the sun
What do they want from fall? Here comes spring!

Everyone was talking about a parade of stars,
About impetuous, indomitable flourishing,
And we would look at the yellow inflorescences
And the yellow light in search of freedom
In a distant solarium of life, of earth,
It illuminated our senses so much,

That I didn't recognize usual things,
I asked, "What are these flowers?"
You answered: "It's all nettles."
We raised our heads, and on top,
It seemed that yellow color changed to a fiery-blue color.
I would say to you: "The cherry trees
They will have so many children – so many offspring!"
You, silent and confused, kissed my palm,
And repeated with your lips: "Wait, the apples, they will
ripen.
I will make the cake with the apples."
And we dreamed that there would be so many of them,
That prices will fall, and for us
Even a wish will suffice
To buy both plums and flowers.
I already held the pear in my hand
And I felt such a flowery kiss
Like a juicy and ripe fruit.

So we would divide the light into parts of the world,
In parts of the word – where the light is from.

From the foliage, colored shadows were born,
And reflected in your face:
Now a grove far from the eyes,
Now a tearful garden, now a bee, now a fly,
And, before the eyes, clouds were rising,
Little birds released from the lips
And they silently flew over me.

Where is this sadness from, where are the tears from,
Where is the lake in the solar valley from?
I will dry it, I will be the Sun,
I am going to plant almond trees in bloom.
– You know, trees even die,
When they bloom so impatiently,
They cannot survive nature
Its perfect and solar love.
They will die, and in the desert land
Only ethereal posterity will remain
The pale, withered flowers,
And the leaves covering the faces
Of the mourning inhabitants of the lifeless mud.

And I thought, "Well, now in the spring
We wait for the end of the blossoming joy,
But if we are destined to die in the fall,

When harvesting, we will find God,
Isn't that wonderful?!
For we will see it next to life
Not forgetting yourself,
Still with the bodies close to the transparent souls.
How will He look?
With our beauty, how will it merge?
Will he be alone or preceded by elements?
We call chaos the terrestrial
But He, transparent, will give us the light".

So recognizing the still life
And the joyful appearance of God,
I shouted happily, "You are with me!"

And we decided – why is it not now,
Not now, like this summer,
Epiphany awaits the world.

The sophisms of life – life and existence.
What do we understand under sophism?
The spacious circle in which the entire circumference
Becomes a single central point
With mirror and optical reflection.

III

Always this summer, always him murmuring
About past spring reminiscences,
What is spring for us?
Apparently, it's nothing,
Just an unhurried "I love you",
I just "love ..." and, as in the past life,
A yearning arises in the skies
And delight rests on the earth.
Such an unforgettable remnant,
That even life itself didn't know how to change it,
With naive shyness she looks up
And says: "Who, who ever loved like that?!"

Everyone would get off on a camera train
For nature's symphonic reign,
The violins failed, expressing the sounds
Worthy for the sky in thunderstorms,
Summer filled the void
Inside the figures in the solar clearing.
And sketched pointillist portraits

From flies and beetles, as well as people.
As in the fairy tale came samobranka –
A magic towel that on its own
Would create an unpretentious picnic,
And they shared a meal, full of air,
Bodies sculpted by the summer.

When the eyes examine the stem,
And the vision distinguishes the umbilical cord
And the capillaries of the virgin leaves
The will to inspire is born
Clearings between the sloping branches,
And enjoy the full heat
From the narrowness of the approaching world,
In which the sensitive gives light to longitude
And the feeling of happiness – it is eternity.

And then lying between your relatives,
And enjoy the lunch party,
Or inhale resinous vapors
So that the aroma of hot tea
Joins the blooming flowers
And get to the tip of the tongue...
Is it not the concern to create
From primitive chaos – the terrestrial?
Is it not a concern before God
About his eternal attraction?
How deep the earthly sensation is,
When jumping from the forest clearing
Suddenly hovering and walking on the flowers,
Without crushing the stems for Heaven!
This inverted and sweet image
In us it causes vertigo
At midday when the skies
Look in dominance on the land with care.

But it's summer, all calm,
At night the cicadas sing
And they transform the radiance into a sparkle,
Making the sweet longing fall asleep...
And happiness daydreams freezes.

IV

Oh, dear August! How they draw you!
Delicate outline with the neck of a swan,
Blond hair with white butterfly.

When the flowers don't move you,
You go deeper into some bouquet
From the moon and night, from the sea or from the eyes.
You, trembling, but you are still calm,
You – full summer moon, you... speechless,
And because you have too many sounds,
You – waiting for the voice, you – sadness.
Yes, sadness, oh my serene and maternal August,
My home, my land boundary.

The sadness of the farewell is the same as that of the meeting ...
Leaving noon and receiving ...
The hours are carefully planned for you,
And yet, apparently, only until the first half,
After that, we were left with only fall.

Fall, like a drug, would come down from the rooftops,
It called rainy weather ceremonies,
And cloudy and sieved dirt
It added to August. The color of the week
It resembled a road above the cliff –
Predominating clay and pastel,
And everything came together in a clear storm.
A perspective opened from the windows,
But fall perspective – the vastness
Lay down like a macabre prediction
From agitation, on the whole, in vain.
There wasn't even a limit here,
Only the newly appeared September was here,
And I didn't even feel like drawing anymore
The sliding covers of the cargo ships,
But what to do, I had to live.

It was colder, the weather wandered,
Like a razor in the morning before shaving,
Leaving no chance for the hours
Or the minutes of quiet leisure,
Everything hot had to retreat,
Farther away from nature, more at home.

We found the party so joyful
On the sill he used to sing
Happy bird, the dearest firewood
Colored the fire in ultramarine
And on the balcony the old "samovar"

Did his job rigorously.

The table was set, but we were slow to hurry,
Savoring certain hope
And the feeling of sweet cakes.
As soon as the saucers finally coincided
With the greedy image of the face
We reveled in the resonance of calm
And with the air of raspberry jam.
So we would all sit down solemnly,
Depending on gender and age –
With the newspaper, with the book, or simply in drowsiness ...
And we listened how the drops on the roof through the glass
Crashing fingers, the rain would drum.

The drops ran, everything turned gray,
The glass changed color to tragically sad
The children argued – which of these tears
Would be their first joy, and what
Upon delivering the heat, would pour into the glass.

The old people didn't argue, they
Were already tearing up a different fall
And maybe they were thinking about fate,
About children's wind-up toys
About the skillful toy cars, about the clock –
How difficult it is to save them, and how soon
You will no longer be able to recognize them, that everything will change color ...
If I could live, if I could not leave!..

At night, leaning on the table,
They played rebus and white riddles,
They ran from the kerosene lamp
Chinese shadows learned,
When naming your object with a hint,
They inspired other images,
They were subject to the rules of the rain.

We waited in a sultry life
Drumming calling the rhythm of fate,
We would close the door, all the time afraid ...
Suddenly someone looked at the window ...
Everyone laughed –
No, it's not Him again.

On the other side of the window, swinging the leaves
It breathed the month of September, and entered into fall,
He conducted the reflective look
From the narrowness of the cliff to the proximity of August,
At leisure hours, at the summer of angles,
Where the solar gall is bitter and voluptuous,
Where beneath the leaves the shadow is cruel,
But the heart is full of tender foliage.

Here we discover the beats of nature,
The ones that the distant city is unaware of,
For it vegetates in the dark ruins,
In it, the windows are lit and they – frighten.
All life heaps on petty disagreements
And for longitude, latitude will not be enough.

But soon there is the city. Urban glasses
Do not refract space with dusk –
They curse and invoke the abyss,
They carry the blame for thoughtlessness.
There, plunged into petty fights,
There, the heart will not merge with nature,
And so in the dawn of urban noise
Harmonic "I'm tired" will appear.

Thus, the frequency of evaluations and objects
Within us does not consider constancy,
In pursuit of worldly vanities,
Behind the substances of retail ideas
Life wakes up to claim success
And this life is insignificant – that is the price!

But in August there is so much plenitude
From crooked ovals and flexible curves,
That this month is only conceivable outside the limits,
After the sprawling street through the field
Either in the garden or at dusk,
Where the butterfly, which waited for darkness
Looks like a flower in motion.
The peacock eye no longer sees it,
But they see the wings, and they take them.
When you suddenly run into the storm,
Above the cliff the barrier rises,
That separated the valley from the abyss,
And the white leaves on the convex palms of the hand
Represent the resignation manifests –
The voice is silent and the night falls.

V

How sweet is Your name!
 How good it is to be with you!
 To love is illuminating!
 The soul sparkles! Lord! How good!
 Accept the pilgrim in Your shadow!
 Take care of my loved ones and close ones!
 I love you!

VI

The essence of the author lies in the presence of rain.
 The rain is the mill.

We went out in shadowy covers,
 With the night slippers to the silky mud.
 Asters strolled in the garden, it was damp.
 From the inanimate tremor of the rain
 Butterflies were born, and the radiance was born,
 Only the feeling of newness died
 Of the bluish-solar wonders
 From the clarity of the night and the clarity of the day.

The damp hay rotted near the house
 And smothered with its scent
 The natural aroma of the summer element,
 The fragrance of milky moths,
 Reminded the ripening fruits
 About the vanity of terrestrial flowering.

After all, fall also has its May,
 But this is traversed by the wet springs of
 mushrooms.
 It is loaded with care for the fruits,
 With grown children, with studies,
 In his womb is old age – he is an old man.
 And human bitterness will not be enough
 To catch a breath on the eve of winter.
 That's why we get sick and languish,
 We didn't have time to breathe in the summer,
 But how to do it – to follow it is impossible.

The alleys came out vertically
 From the darkness of wonder to the summer garden,
 Where fall could trace
 Your rights for the privilege of gilding,

Where the wet bushes were silvered,
 Where prehistoric frogs waited
 Your destiny is mute and the emptiness lingers.
 And when we went out through the gate,
 The trail turned into a road –
 In a web torn by the storm.

We climbed higher and higher, closer to the church,
 The intersections were in full bloom –
 The crosses of fall uncovered.
 The branches trembled, the light passed through
 The wet vault as in an appropriate epilogue,
 The road snaked, like a road,
 And it carried wrinkled mud to its full extent.

When the wind strained the joints,
 Raising the clouds and gathering the logs,
 In the sky of straw sprouted
 A radiant bud from the onion dome of the church,
 And we stood quietly on the cliff
 Waiting for the rain convulsions.

It was so far for us even to the next goal,
 Our nostalgia for feelings changed to the meaning
 And he spent his time over the road.

The rain was extinguished. And it was all the same
 afternoon,
 The fog was only dissipating.
 The garden was getting ready to leave the house ...
 He would leave, and the house was transformed
 In the uniformity of the urban apartment
 And on the path of memory. Later
 It will go out. He would cry on the suitcases ...
 The butterfly, putting its peacock eye together,
 Waited without temporal haste.
 And on top of the rigid door box
 Everything passed – the clouds, the leaves, the life.

The breathing calmed and like steam
 Remained in the amber haze
 On the path of the brown days
 Of softened clay and water,
 Where the luminous body landed
 Its extremes at the edge of the storm.
 And the grayish encounter was born

The gloomy gray mother-of-pearl.
 Soon everything that happened was forgotten –
 The road in rain craters,
 The grand piano with the cracked back,
 When obscure and wistfully
 They played in black conjugations
 The night "For pilgrimage of rain".

Then it was getting dark. We didn't know yet
 That this opacity and the summer –
 Was the same. On the wall
 They portrayed themselves erased
 Under the unlit cover next to God,
 Fall of fishing and storm strings,
 He waited for them close. Here it is
 The blind commandment of the landscape –
 The boat tilted in a pre-eternal look,
 Over illuminated hill
 Known summit, next to the cross,
 Gospel Guide,
 The peaceful prophet in the yellow field,
 And the transparent gilding
 – as if raising a rainbow.

Projects

Exhibition Design

The space for the exhibit "Fall Fresco" was built in-situ. The works have been placed where they have due to their relationship with the area, the text of the poem that they illustrate and the scenic space that is necessary to present the performance of the same name. We have separated the works into groups that create sets in the exhibit room. The idea was to use the break in the altarpiece, bringing the works to the space and creating a set that would remind us of the scenic organization of the stage. The hierarchy of the works is focused on the family characters placed at the center from where curved arms radiate. The explosion-like placement of the works allows for a multitude of flows, in which the reverse and the opposite, the representation of the family and their relatives, subjects and objects, can be seen in varied ways. The lighting was created to release suspended planes. Small lamps were placed by the lighting designer Calu Zabel, highlighting the family and popular aspects that we would like to focus on. An altar results from it, upon which images that are sacred to the history of the artists are placed. It is not an orthodox altar, but one deconstructed by the local familiarities and heat.

Gabriel Gutierrez
São Luís, May, 2021

Visual Communication

"The masks are a hole: a portal. They are inquisitive, astonished, mocked, absurd and they present themselves as a two-way mirror, revealing who is behind them and in front of them." This excerpt from curatorial text explains the concept adopted in the visual communication – eyes open and closed, illustrated through a shape pattern: a paradox, of a spectator who sees the art work and see themselves, who closes their eyes to observe themselves. As a complementary element to the usage of patterns, a condensed and geometric typography was adopted, inspired by the Russian modern vanguard, bringing a visual element from the artist's homeland to this exhibition set up in São Luís.

Fábio Prata
graphic designer
May, 2021

Ficha Técnica

AFRESCO DE OUTONO

Evgeny Solomonovich Itskovich

Performance Performance

Afresco de Outono

Direção Director

Áurea Maranhão

Performers e Músicos Performers and MusiciansEvgeny Itskovich, Maria Itskovich, Liubov Itskovich e *and* Evgeny Solomonovich Itskovich**Roteiro Script**Áurea Maranhão, Evgeny Itskovich e *and* Maria Itskovich**Assistentes de Direção e Produção de Set****Directing and Set Production Assistants**
Amanda Travassos e *and* Maria Itskovich**Direção de Fotografia, Colorização e Finalização****Cinematography, Colorization and Completion**
Jesús Pérez/ Chusetto**Iluminação Lighting**

Calu Zabel

Câmeras CamerapeopleJesús Pérez, Lucas Sá e *and* Gabriel Bruno**Direção de Arte Art Direction**Gabriel Gutierrez e *and* Amanda Travassos**Assistentes de Set Set Assistants**Gabi Miguel, Deyla Rabelo e *and* Marcos Ferreira**Direção de Som Sound Direction**

Gabriel Portela

Montagem Setup

Lucas Sá

Exposição Exhibition

Afresco de Outono

Expografia Exhibition Design

Gabriel Gutierrez

Iluminação Lighting

Calu Zabel

Comunicação Visual Visual CommunicationFábio Prata e *and* Flávia Nalon (ps.2)**Produção Production**Deyla Rabelo, Edizio Moura, Marcos Ferreira, Pablo Adriano e *and* Samara Regina**Fotografia Photography**

Clarissa Vieira

Cenotecnia Cenotechnics

Edson Santos

Montagem SetupDiones Caldas, Fábio Nunes Pereira e *and* Marcos Ferreira**Pintura Painting**

Gilvan Brito

Elétrica Electrical

Jozenilson Leal

COLOPHON**Design do Catálogo Catalogue Design**Fábio Prata e *and* Flávia Nalon (ps.2)**Impressão Printing**

Halley S.A. Gráfica e Editora

Tipografia TypographyMyriad, por *by* Robert Slimbach e *and* Carol Twombly**Abril, 2021 April, 2021****Presidente do Conselho de Administração****Administration Board President**

Luiz Eduardo Osorio

Presidente do Conselho Fiscal**Supervisory Board President**

Rodrigo Lauria

Diretoria Executiva**Executive Board****Diretor Presidente CEO**

Hugo Guimarães Barreto Filho

Diretora Executiva Executive Director

Flávia Martins Constant

Diretora Director

Christiana Saldanha

Centro Cultural Vale Maranhão**Direção e Coordenação Artística****Direction and Artistic Coordination**

Gabriel Gutierrez

Assistência de Gestão Management Assistance

Deyla Rabelo

Coordenação do Programa Educativo**Educational Program Coordination**

Ubiratã Trindade

Educadores EducatorsAlcenilton Reis Junior, Erick Araújo e *and* Maeleide Moraes Lopes**Estagiários do Programa Educativo****Educational Program Interns**Amanda Everton, Gabriel dos Anjos Costa e *and* Guilherme Castro**Coordenação de Comunicação****Communication Coordination**

Edizio Moura

Assistência de Comunicação**Communication Assistance**

Clarissa Vieira

Coordenação de Produção**Production Coordination**

Alex de Oliveira

Produção ProductionPablo Adriano Silva Santos e *and* Samara Regina**Coordenação Financeira Finance Coordination**

Ana Beatris Silva (Em Conta)

Financeiro Finance

Tayane Inojosa

Administração Administration

Ana Célia Freitas Santos

Recepção ReceptionAdiel Lopes, Jaqueline Ponçadilha e *and* José de Ribamar Pinheiro Ferreira**Zeladoria Janitors**Fábio Rabelo, Kaciane Costa Marques e *and* Luzineth Nascimento Rodrigues**Manutenção Maintenance**Yves Motta (supervisão geral general supervision), Gilvan Brito e *and* Josenilson Leal**Segurança Safety**Charles Rodrigues, Izaías Souza Silva, Raimundo Bastos e *and* Victor Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Afresco de Outono / organização Gabriel Dozzi Gutierrez,
Deyla Rabelo ; tradução Agência Teksto. – São Luís, MA :
Centro Cultural Vale Maranhão, 2021.

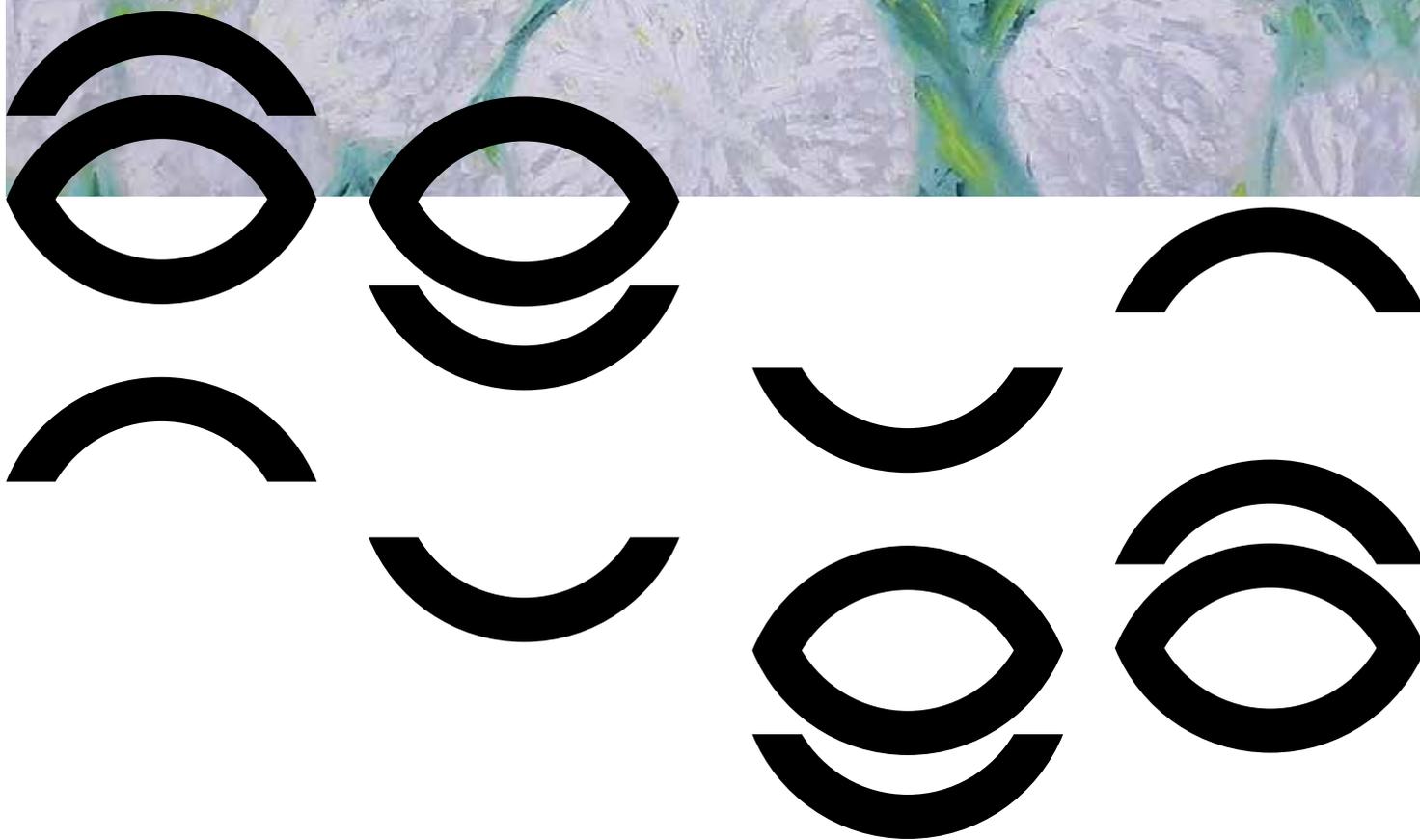
ISBN 978-65-996897-0-3

1. Artes visuais – Exposições 2. Itskovich, Evgeny 3. Performance
(Arte) 4. Poesia russa I. Gutierrez, Gabriel Dozzi. II. Rabelo, Deyla.

21-95860

CDD-701.1

Índices para catálogo sistemático: 1. Arte e literatura 701.1



Iniciativa



Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

